

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**MARCOS VINICIUS FERREIRA TRINDADE**

“É UM JOGO EM QUE SÓ JOGAM DOIS”: REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E PODER  
EM DÔRA, DORALINA DE RACHEL DE QUEIROZ.

São Luís

2016

**MARCOS VINICIUS FERREIRA TRINDADE**

**“É UM JOGO EM QUE SÓ JOGAM DOIS”**: REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E  
PODER EM DÔRA, DORALINA DE RACHEL DE QUEIROZ.

Monografia apresentada ao Curso de  
Graduação em Licenciatura em História  
da Universidade Federal do Maranhão,  
como requisito para obtenção do Grau de  
Licenciado em História.

**Orientador (a): Profa. Dra. Régia**  
Agostinho da Silva.

São Luís

2016

**MARCOS VINICIUS FERREIRA TRINDADE**

“É UM JOGO EM QUE SÓ JOGAM DOIS”: REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E  
PODER EM DÔRA, DORALINA DE RACHEL DE QUEIROZ.

Monografia apresentada ao Curso de  
Graduação em Licenciatura em História  
da Universidade Federal do Maranhão,  
como requisito para obtenção do Grau de  
Licenciado em História.

**Orientador (a): Profa. Dra. Régia  
Agostinho da Silva.**

Aprovada em: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Régia Agostinho da Silva

---

1º Examinador

Universidade Federal do Maranhão

---

2º Examinador

Universidade Federal do Maranhão

Dedico esta monografia aos meus pais Lindoaldo e Rosângela, por estimular a aprendizagem constantemente e revelar o poder da educação em minha construção.

## AGRADECIMENTOS

Foram quatro anos de construção e principalmente de desconstrução. Acredito que essas poucas linhas não são capazes de expressarem o misto de sensações que sinto ao escrevê-las. Em primeiro lugar quero agradecer aos meus pais Lindoaldo Trindade e Rosângela de Jesus Silva Ferreira Trindade por todo o esforço e sacrifício que fizeram ao longo de 23 anos para que eu sempre tivesse uma educação de qualidade. Sei que às vezes em meio a gênios fortes e diferentes temos nossas desavenças, mas saibam que eu não seria quem eu sou hoje sem vocês e mesmo que não demonstre sempre, eu os amo e tenho profunda gratidão e admiração por vocês. Estendo esse agradecimento à minha irmã Nara, meus sobrinhos Cleyton e Clícyra e a todos os incontáveis tios, tias, primos e primas que me circundam de alegria.

Toda a minha gratidão à minha orientadora Profa. Dra. Régia Agostinho da Silva, que no momento em que eu estava perdido, com apenas um embrião sobre o que eu queria escrever, estendeu-me a mão e soube me guiar. Meu muito obrigado também a todos os professores do Departamento de História da Universidade Federal do Maranhão por todos os ensinamentos ao longo desses anos, cujas experiências foram únicas e inesquecíveis, em especial à Profa. Dra. Maria Izabel Oliveira pelos anos de orientação no Pibid que foram fundamentais para crescer como profissional.

Aos amigos da vida: Gleyciane Frazão, Jennyfer Lemos, Amanda Santos, Rafael Nunes, Antônio Venâncio. Obrigado por cada momento em que estiveram ao meu lado, por cada conversa, por cada gargalhada, por cada conselho, pelos momentos de fuga, por entenderem meus sumiços devido aos estudos, por sempre me encorajarem e por tornar o meu dia um pouco mais feliz. E é como eu costumo dizer, parafraseando uma das minhas músicas favoritas, “foi um prazer encontrarmos nessa vida”.

Um agradecimento especial à minha amiga e irmã Fernanda Nilbre. Só nós dois sabemos o valor desse elo que formamos desde 2013/2014. Quantos dias no estágio, quantas noites estudando, quantos sonhos compartilhados de lá até a data de hoje. Aprendemos a ser muito com pouco, aprendemos que a nossa luta só começou e que não podemos esquecer de que temos o mundo todo para conquistar ainda.

Por último, mas sempre em primeiro, obrigado Deus, por cada conquista e por não me abandonar nunca. Quando mais difícil está o caminho e parece que tão longe está meu objetivo, enche-me de força e esperança para lutar pelo que eu quero.

Obrigado por nunca falhar. “Porque Dele, por Ele e para Ele são todas as coisas”. (Rm. 11:36).

## RESUMO

O advento da história das mulheres trouxe inúmeros debates e indagações à historiografia, principalmente no que se refere às representações de gênero e poder. Nesta monografia, traçam-se os perfis femininos e masculinos da obra *Dôra, Doralina* de Rachel de Queiroz, notável escritora do Modernismo no Brasil, que em seus romances, retrata suas protagonistas como transgressoras, recusando as funções tradicionais que limitavam as mulheres em ambientes domésticos. *Dôra* não é exceção e no romance estudado são representados os caminhos que ela trilha para conseguir sua independência, longe da dominação masculina e longe dos costumes patriarcais que algumas mulheres reproduziam. Buscando compreender essas relações entre gênero e poder analisa-se os papéis construídos ao longo da história para homens e mulheres, promovendo a expansão desses estudos, além de evidenciar que as mulheres são sujeitos ativos, seus nomes e suas funções desenvolvidas são fatos da história e não devem ser estudados de forma isolada.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero. Poder. Representações. Rachel de Queiroz.

## **ABSTRACT**

The advent of women's history brought numerous debates and inquiries of historiography, especially as regards the representation of gender and power. In this monograph, draw up the male and female profiles in *Dôra Doralina* of Rachel de Queiroz, noted writer of Modernism in Brazil, in his novels, depicts its protagonists as transgressive, refusing the traditional roles that limit women in homes . *Dôra* is no exception and romance are represented studied the ways that she track to achieve its independence, away from male domination and away from patriarchal customs that some women reproduced. Trying to understand these relationships between gender and power analyzes the roles built throughout history men and women, promoting the expansion of these studies, as well as evidence that women are active subjects, their names and developed functions are facts of history and they should not be studied in isolation.

**KEYWORDS:** Gender. Power. Representations. Rachel de Queiroz.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I.....	13
ENTRE CAMINHOS .....	13
1. OS CAMINHOS DE RACHEL DE QUEIROZ .....	14
1.1.1 RACHEL DE QUEIROZ: NASCIMENTO E SEUS PASSOS NA ESCRITA .....	14
1.1.2 RACHEL NA POLÍTICA .....	16
1.1.3 PRIMEIRA MULHER NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS E SUAS PRINCIPAIS OBRAS .....	18
1.2.1 OS CAMINHOS PARA O GOLPE DE 1964.....	20
1.2.2 O GOLPE TRIUNFA.....	22
1.2.3 O BRASIL NA DÉCADA DE 1970: DIVERSIDADE E RESISTÊNCIA ...	25
CAPÍTULO II.....	33
MULHERES EM CENA.....	33
2.1 POR QUE ESTUDAR MULHERES?.....	33
2.1.1 SENHORA: UMA SERTANEJA TRADICIONAL (?) .....	36
2.1.2 DÔRA, DORALINA: CAMINHOS À CATARSE .....	40
CAPÍTULO III .....	47
VISÕES DO MASCULINO.....	47
3.1 O HOMEM COMO FIGURA DOMINADORA.....	47
3.1.1 LAURINDO: O PRIMEIRO MARIDO E A DOR.....	48
3.1.2 COMANDANTE: O AMOR VERDADEIRO E MAIS UMA DOR .....	51
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	56
REFERÊNCIAS .....	58

## INTRODUÇÃO

A Literatura como sendo uma fonte de representação social e/ou histórica que representa as diferentes experiências humanas na sociedade em seus aspectos físicos e psicológicos, ajuda a História Social a entender os sujeitos e suas ações em uma determinada época. Percebe-se dessa forma, a mudança ao se escrever História, influenciada por novos objetos e linguagens, levando o historiador a possibilidade de novas abordagens e de mostrar a diversidade construída com essas novas modalidades para desenvolver a pesquisa histórica.

Essas novas modalidades ganham força com a crise do marxismo e do estruturalismo, que eram duas concepções fortes na segunda metade do século XX. Segundo Zeloí Aparecida Martins dos Santos,

As consequências dessa crise não devem ser entendidas como negativas para a História, mas sim como possibilidade de problematizar o passado no sentido de reconstruir ideias e experiências propiciando a mudança. A partir desse contexto de crise, a História expande seu campo de conhecimento, caminhando em duas direções: a aproximação multidisciplinar com a linguística, antropologia, filosofia e com a literatura encaminhou a História para novos procedimentos teóricos para selecionar temas, técnicas e métodos inovadores. A troca de experiências com áreas afins permitiu que novos caminhos fossem trilhados por meio da criatividade e competência do ofício de historiador. Por outro lado, há aqueles que permanecem sob as influências recíprocas das diferentes linhagens puramente historiográficas, com ascendência da ciência política, e buscam aí a transformação dos modos de narrar a História<sup>1</sup>.

A literatura não deixa de ser um documento. Para o historiador é importante recuperar as visões históricas presente no texto literário, lembrando que este é narrativo e não referencial, pois não precisa mencionar objetivamente algum fato, diferente do texto de um historiador que precisa ter um discurso referenciado, com direito a todas as opiniões através de demonstração, de discursos e de provas. Precisa na medida do possível entender aquilo que informava e qual era a intenção do autor quando se utiliza a literatura como fonte, propondo interpretações através da articulação entre um entendimento sobre o passado e a sua subjetividade.

Para Michel Foucault, o discurso “nada mais é do que um jogo, de escritura, no primeiro caso, de leitura, no segundo, de troca [...] O discurso se anula assim, em sua

---

<sup>1</sup>SANTOS, Zeloí Aparecida Martins dos. *História e literatura: uma relação possível*. Revista Científica – FAP – jan a dez de 2007. p. 2.

realidade, inscrevendo-se na ordem do significante”<sup>2</sup>, ou seja, é um emaranhado de signos que “não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”<sup>3</sup>.

Inúmeras obras literárias focam a questão de gênero e relações de poder. Optou-se por trabalhar com o romance *Dôra*, Doralina de Rachel de Queiroz, pois as temáticas deste trabalho são bastante evidentes na obra da escritora citada. *Dôra*, Doralina marca a volta de Rachel aos romances, após um intervalo de 36 anos de sua última obra do gênero, *As Três Marias*, datada de 1939<sup>4</sup> e mostra mais uma vez a força de uma personagem feminina, após tantos caminhos percorridos e dificultosos.

O romance é constituído por três livros. O primeiro intitulado de *Livro de Senhora*, descreve a vida de *Dôra* na Fazenda Soledade, sua infância, juventude e os eventos de sua vida adulta como o seu casamento com Laurindo e a sua viuvez. Nessa parte a autora destaca além de suas mulheres, os costumes e particularidades do Nordeste, evidenciando um dos focos do regionalismo da década de 30 do movimento Modernista: as denúncias sociais. O segundo livro, *Livro da Companhia*, relata como *Dôra* após a viuvez, transforma-se uma criatura livre de seus dominadores, *Senhora* e Laurindo, tornando-se atriz da Companhia de Comédia e Burletas Brandini Filho, elucidando os caminhos trilhados pela protagonista que fizeram com que sua identidade e seu crescimento como mulher livre fossem reafirmados. Por fim, o último livro denomina-se como *Livro do Comandante*, no qual é descrito o primeiro amor verdadeiro de *Dôra*, que faz com que ela mais uma vez seja dominada até a morte do segundo marido. Com a morte do comandante, *Dôra* retorna a Fazenda Soledade como única dona de tudo que um dia foi de *Senhora*.

A obra de Rachel de Queiroz exemplifica como a história das mulheres é marcada pela dependência à figura masculina e a sua emancipação quando escolhem viver de modo diferente das demais. Rachel constrói suas personagens principais buscando romper com as convenções sociais que as delimitam apenas ao ambiente doméstico e mostra o desejo de realizarem suas próprias escolhas e decidir o futuro de suas vidas.

Este trabalho está dividido em três capítulos: o primeiro é formado por um breve relato da vida de Rachel de Queiroz, descrevendo como a escritora iniciou sua paixão

---

<sup>2</sup>FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Editora Loyola, 2010. p. 49.

<sup>3</sup>Idem. *Ibidem*. p. 10.

<sup>4</sup>ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Bibliografia de Rachel de Queiroz*. Disponível em <<http://academia.org.br/academicos/rachel-de-queiroz/bibliografia>>. Acesso em 25 out. 2016.

pelas letras, a sua presença contraditória na política, além do feito de ser a primeira mulher a entrar na Academia Brasileira de Letras, um ano após a publicação da primeira edição de *Dôra, Doralina*. Também é formado pelo contexto histórico no momento que a obra foi escrita, desde as eleições de 1960 até a efervescente década de 1970. No segundo capítulo enfocam-se as imagens das principais mulheres do romance: Senhora e Dôra, apontando as diferenças entre si e os caminhos que Dôra buscou para converter-se em um sujeito livre. Já no terceiro, é evidenciada a dominação masculina partindo das visões dos dois maridos de Dôra, Laurindo e Asmodeu, e o retorno de Dôra ao seu lugar de origem.

## CAPÍTULO I

### ENTRE CAMINHOS

Rachel de Queiroz é considerada por muitos como a mais expoente escritora do chamado regionalismo do Romance de 30 do Modernismo. Mas o que foi o Modernismo e quais suas contribuições para o Brasil? O Modernismo é um movimento que surge através das mudanças ocorridas na vida política, social e cultural do país. Era o período da estabilização da recente república brasileira com a chamada política do “Café com Leite” (que se configurava com a alternância da Presidência da República por políticos de São Paulo, em razão de seu poder econômico, e por políticos de Minas Gerais, maior colégio eleitoral do país)<sup>5</sup>.

No Brasil também crescia o número de imigrantes, principalmente italianos, que se concentravam na indústria de São Paulo e que trazem ideias anarquistas e socialistas<sup>6</sup>. Na cultura, é um período marcado por sincretismo, pela coexistência de tendências passadas e as novidades que cresciam cada vez mais.

É nesse contexto que nasce a busca de uma linguagem mais simples e coloquial e o interesse pela realidade existente no Brasil, características do Modernismo, que tem como marco inicial no Brasil a Semana de Arte Moderna de 1922. Vale ressaltar que a Semana não foi o início das mudanças, visto que desde 1902 com *Os Sertões* de Euclides da Cunha, o país já passava por renovações nas artes e na literatura.

A Semana de Arte Moderna ganha relevância histórica porque agrupou as tendências que desejavam a transformação cultural do país, que buscavam uma visão nacionalista, contudo, crítica da realidade brasileira. O processo de difusão de ideias transformadoras segue através da Revista *Klaxon* e de quatro movimentos culturais: Pau-Brasil e Antropofagia, que declinavam para a aceitação da realidade do Brasil mesmo com seus contrastes e Verde-Amarelismo e Anta, liderado por Plínio Salgado, que eram ufanistas com afinidades nazifascistas<sup>7</sup>.

A partir de 1930, os eventos sociais pelos quais o Brasil e o mundo passavam (crise de 1929, crise do café, Revolução de 30, Estado Novo, ascensão dos regimes totalitários, Segunda Guerra), faz com que os escritores da chamada Segunda Geração do Modernismo ou Romance de 30 tomassem posições ideológicas. Percebe-se que a

---

<sup>5</sup>BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2013. p. 323.

<sup>6</sup>VALENTE, Silva Maria Pazello. *O movimento anarquista no Brasil*. Revista Semina: Ciências Sociais e Humanas. vol. 15, n. 3, set.1994, p. 260.

<sup>7</sup>CEREJA, William Roberto. MAGALHÃES, Tereza Cochar. *Português: Linguagens*. Volume Único. São Paulo: Atual Editora, 2008. p. 387-388.

partir de então os escritores debruçam-se sobre a sua realidade na qual estão inseridos para mostrar a problemática social e aprofundam-se nela, surgindo assim a literatura regional, que aborda principalmente a denúncia social, amplamente presente na obra de Rachel de Queiroz.

Visto alguns apontamentos do movimento que deu a Rachel notoriedade, segue-se com um breve relato sobre os caminhos trilhados pela autora.

## 1. OS CAMINHOS DE RACHEL DE QUEIROZ

### 1.1.1 RACHEL DE QUEIROZ: NASCIMENTO E SEUS PASSOS NA ESCRITA

Nascida em 17 de novembro de 1910 na cidade de Fortaleza, Rachel de Queiroz era filha de Daniel de Queiroz e Clotilde Franklin de Queiroz, sendo parente pelo lado materno de José de Alencar<sup>8</sup>, figura importante no Romantismo brasileiro. Nasceu em uma família que dispunha de recursos para as atividades intelectuais, desde pequena Rachel já nutria paixão pela escrita e leitura.

Em 1917, dois anos após a grande seca ocorrida no Ceará, a família Queiroz busca abrigo na cidade do Rio de Janeiro e em seguida por dois anos na cidade de Belém do Pará. Volta em 1919 a Fortaleza para concluir aos 15 anos de idade o estudo normal no Colégio da Imaculada Conceição<sup>9</sup>. Em 1927, começa a publicar no Jornal O Ceará, velada pelo pseudônimo de Rita de Queluz, uma vez que essa foi a forma encontrada por Rachel de preservar-se do preconceito contra uma mulher escritora. Obteve sucesso com uma carta que ironizava o concurso Rainha dos Estudantes, promovido pelo jornal. A carta foi um sucesso e Rachel é convidada pelo diretor d'O Ceará para ser colaboradora e futuramente a diretora do jornal. Três anos depois a mesma que ironizou um dia o Concurso, foi eleita como Rainha dos Estudantes<sup>10</sup>.

Rachel, antes de tudo, dizia que era jornalista<sup>11</sup> e admirava-se da profissão exercida, pois era dessa função exercida que tinha condições de manter-se

<sup>8</sup>ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Biografia de Rachel de Queiroz*. Disponível em <<http://academia.org.br/academicos/rachel-de-queiroz/biografia>>. Acesso em 11 jun. 2016.

<sup>9</sup>Idem. *Ibidem*.

<sup>10</sup>JORNAL O POVO ONLINE. *Rachel de Queiroz é eleita Rainha dos Estudantes*. Disponível em <<http://www.opovo.com.br/app/acervo/noticiashistoricas/2016/07/12/noticiasnoticiashistoricas,3634394/rachel-de-queiroz-e-eleita-rainha-dos-estudantes.shtml>>. Acesso em 11 jun. 2016.

<sup>11</sup>A profissão de jornalista surge no século XV, relacionada ao advento da invenção da prensa de Gutemberg, que revolucionou a história da leitura e a circulação de ideias, agora impressas. Derivando do francês, jour = “dia” e analyste = “analista”, percebe-se a gênese da profissão: analisar o cotidiano. Rachel nunca chegou de fato a graduar-se em jornalismo, porém utilizava com orgulho esse título devido

financeiramente e andar por espaços públicos da sociedade em que estava inserida. Conforme apontam Oliveira, Freire e Chaves,

No quadro de sua atividade regular na imprensa, foi na crônica que concentrou a maior parte de sua colaboração. Foi a crônica o espaço onde melhor registrou suas lembranças, opiniões, afetos, bem como as suas indignações. O espaço da crônica no jornal era quase um diário que a acompanhou por 77 anos. Como afirmava Rachel com frequência, a imprensa era sua “trincheira”, e foi ainda neste gênero (a crônica), que mal se define entre o jornalismo e a literatura, que a autora mais experimentou os limites de sua escrita<sup>12</sup>.

Em 1928 publica o romance *História de um nome*, dividido em folhetins que faz com que se destaque mais ainda no jornal onde trabalhava. Por volta do mesmo ano começa a participar do movimento modernista do Estado do Ceará através da Revista *Maracajá*, suplemento do jornal *O Povo*. Segundo Souza essa participação,

não significará uma adesão total ao ideário estético da corrente representada em São Paulo, principalmente pelos dois Andrades – Mário e Oswald. O Modernismo, sendo em suas origens e em certas implicações, o reflexo de uma situação conjuntural peculiar a São Paulo, sobretudo de natureza econômica, não encontraria no Ceará e no Nordeste de maneira geral uma repercussão duradoura, apesar de esta oposição nordestinos x paulistas não ser tão profunda como aparentou. Nem mesmo o primeiro livro de Rachel de Queiroz, em que a influência doutrinária do Modernismo poderia ter deixado indícios visíveis, pela proximidade com o seu momento de maior efervescência, traz qualquer compromisso nesse sentido, a não ser na utilização de um ou outro recurso estilístico, quase inexistente quando comparado ao estilo de *A Bagaceira* (1928) de José Américo de Almeida. Na verdade, não lhe interessavam as renovações verificadas em outros centros culturais do país, das quais tinha conhecimento, senão na medida em que pudesse ressaltar a tradição do realismo de valorização social<sup>13</sup>.

Aos 19 anos, Rachel tem problemas respiratórios e pela suspeita de ter adquirido tuberculose, passa por um forte tratamento que necessitava de absoluto repouso. É dessa pausa que nasce *O Quinze*, o romance que retrata a seca que Rachel vivenciou com apenas 5 anos de idade. De forte cunho social, o livro é financiado pelos pais de Rachel e logo recebe críticas positivas no Ceará, que faz com que a autora envie o livro para

---

ao seu local de trabalho. Na realidade pode-se dizer que ela era uma cronista, tradutora e escritora do que propriamente uma jornalista.

<sup>12</sup>OLIVEIRA, Maria Eveuma de. FREIRE, Manoel. CHAVES, Sérgio Wellington Freire. *Rachel de Queiroz: Uma mulher à frente do seu tempo*. Pontos de Interrogação. Revista do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural. Universidade do Estado da Bahia, Campus II — Alagoinhas. Vol. 2, n. 1, jan./jun. 2012. p. 207.

<sup>13</sup>SOUZA, Patrícia Alcântara de. *MARIAS DE RACHEL DE QUEIROZ: percursos femininos em O Quinze, As Três Marias e Dôra, Doralina*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFG – Mestrado. Goiânia, 2008. p. 17-18.

São Paulo e Rio de Janeiro, onde também logra êxito. É com essa obra que Rachel destaca-se no cenário da literatura do país<sup>14</sup>.

Rachel casa-se duas vezes na vida, a primeira em 1932 com José Auto da Cruz Oliveira, com quem tem uma filha chamada Clotilde, que faleceu 18 meses após o nascimento. Em 1939 separa-se e casa-se novamente em 1940 com Oyama de Macedo. Em entrevista à Folha, Rachel fala um pouco sobre o romance e as dificuldades encontradas sobre ser desquitada,

Foi esse negócio de paixão à primeira vista, fomos viver juntos, ele era desquitado e eu também. Não havia divórcio. Toda vez que no Congresso não passava a lei do divórcio, a mãe dele tinha uma enxaqueca. Quando chegou, acho que um dos primeiros casamentos do Brasil foi o nosso. Oyama deu esse presente para a mãe. Ele foi meu único grande amor<sup>15</sup>.

É interessante observar a maneira que Rachel lida com a vida e com morte. Segundo ela, “ser pessimista é bom. [Se] Você é pessimista, quando vêm as coisas ruins, você já esperava; quando vêm as coisas boas, você tem uma surpresa agradável”<sup>16</sup>. Para a morte dizia que “é a grande companheira, é esperada, tomara que já chegue”<sup>17</sup>, ou “a morte é a libertação. O que seria de nós se não fosse a morte? É a grande irmã, a grande amiga”<sup>18</sup>. Rachel faleceu no dia 04 de novembro de 2003, aos 92 anos de idade<sup>19</sup>.

### 1.1.2 RACHEL NA POLÍTICA

“Pois é. Na verdade nem sou comunista nem sou reacionária, sou propriamente anarquista, sou só uma doce anarquista. É a minha posição há muitos anos”<sup>20</sup>. É dessa forma que Rachel se posiciona ao ser questionada em entrevista ao Programa Roda Viva da TV Cultura sobre sua posição política, devido as “supostas” contradições em sua

<sup>14</sup>PETRIN, Natália. *Biografia de Rachel de Queiroz*. Disponível em <<http://www.estudopratico.com.br/rachel-de-queiroz-biografia-e-obras-da-autora>>. Acesso em 12 jun. 2016.

<sup>15</sup>FOLHA DE SÃO PAULO. Entrevista concedida à Folha em 1998. (Re) Publicada em 04 de novembro de 2003, data do falecimento de Rachel de Queiroz na Folha Online-Ilustrada. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u38515.shtml>>. Acesso em 12 jun. 2016.

<sup>16</sup>ENTREVISTA AO PROGRAMA RODA VIVA. 01 de julho de 1991. Disponível em <[http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/407/entrevistados/rachel\\_de\\_queiroz\\_1991.htm](http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/407/entrevistados/rachel_de_queiroz_1991.htm)>. Acesso em 15 jun. 2016.

<sup>17</sup>Idem. Ibidem.

<sup>18</sup>FOLHA DE SÃO PAULO. Ibidem.

<sup>19</sup>ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Ibidem. .

<sup>20</sup>ENTREVISTA AO PROGRAMA RODA VIVA. Ibidem.



militância, já que nos anos 30 como muitos dos escritores daquela época, Rachel tinha simpatia pelo movimento Comunista e o fato do apoio dado por ela anos mais tarde ao golpe civil-militar de 1964.

E por que razões levaram Rachel a afastar-se do movimento Comunista? Na mesma entrevista a autora aponta que pelo fato dela opor-se a Getúlio Vargas e posteriormente a João Goulart, a colocaram no papel de reacionária, uma vez que o apoio ao golpe por sua parte era apenas para destituir o “janguismo” para que ocorresse eleição com candidatos civis à Presidência da República.

A causa do rompimento com o Partido Comunista (que Rachel ajudou a fundar na cidade de Fortaleza) se deu quando os diretores do partido exigiram que Rachel modificasse alguns pontos da obra João Miguel para que o livro fosse lançado. Percebe-se a defesa voraz pela sua obra,

Eu tinha escrito João Miguel e o pessoal exigiu fazer censura prévia (...) Diziam eles: ‘Acontece que no João Miguel um operário mata o outro, e aquele ‘coronel’ é uma figura simpática, e a mocinha é uma reacionária...de modo que você tem de fazer o operário matar o ‘coronel’, quem tem que ser prostituta não é a Filó, tem que ser a moça, porque é nossa adversária de classe’. Eu então mandei tudo para o inferno! Peguei o meu livro, fui embora, e desde esse dia, briguei com eles <sup>21</sup>.

Rachel não gosta de ter a sua literatura associada a engajamentos sociais, pois segundo o seu pensamento,

Acho que literatura serve para ser literatura. Não sou engajada. Acho, pelo contrário, que a obra de arte engajada se abastarda; o escritor não tem direito de ser engajado. Se ele tem aquela convicção e se ele dá um testemunho do que viu e do que sente, muito bem. Mas se faz uma literatura com visgo de propaganda, engajado numa ideologia, porque é a ideologia dele, então ele ajeita a obra de arte dele a serviço daquela ideologia, não respeito essa obra de arte e não respeito esse estilo do artista<sup>22</sup>.

É muito interessante notar que Rachel constrói suas personagens femininas e faz com que elas se destaquem pelos seus desejos de mudança principalmente no que se refere a diferença entre gêneros, mas a autora não se considera como militante feminista, conforme a própria diz,

Não sou feminista. Acho que a sociedade tem que crescer em conjunto. A associação mulher e homem é muito boa e acho um grande erro combater o

<sup>21</sup>MARTINS, Wilson. *Rachel de Queiroz em perspectiva*. apud SOUZA, Patrícia Alcântara de. Ibidem. p. 18-19.

<sup>22</sup>ENTREVISTA AO PROGRAMA RODA VIVA. Ibidem.

homem. Aquela brincadeira que a gente diz, “que o homem foi feito para servir a mulher”... foi mesm [risos], de forma que nunca fui feminista, sempre discordei das feministas. E como acho que a condição humana é uma condição de sofrimento e de decepção e que a idade só traz amarguras e renúncias e conformismo, então as minhas mulheres, como os meus homens também... Só que me dedico mais a histórias femininas, na verdade, os meus personagens principais são sempre mulheres<sup>23</sup>.

Seja pela breve passagem pelo comunismo, sendo candidata à deputada estadual sem conseguir o número de votos para eleger-se, ou tendo seus livros queimados pelo Estado Novo, momento no qual foi até presa, onde dizia que foi “muito paparicada pelos bombeiros, faziam até serenatas”<sup>24</sup>, seja tendo prestígio por políticos, inclusive, o Presidente Jânio Quadros a convida para ser Ministra da Educação em seu governo, convite este recusado pela escritora, pois segundo ela, “nunca quis ter posição política. Em toda a minha longa carreira nunca tive uma posição”<sup>25</sup>, ou apoiando Castelo Branco em 1964, a vida de Rachel se confunde com a história política do Brasil. Pode-se afirmar que em todos os momentos marcantes desde a década de 1930 ela estava presente.

### **1.1.3 PRIMEIRA MULHER NA ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS E SUAS PRINCIPAIS OBRAS**

Rachel foi a primeira mulher a conquistar uma cadeira na ABL em 1977. É importante salientar que desde a infância no Ceará e posteriormente no início da sua carreira como jornalista, Rachel sempre teve convívio com intelectuais, o que a ajudou a pleitear uma vaga, mesmo afirmando que nunca pediu votos aos demais membros durante a eleição<sup>26</sup>.

O episódio em questão, por muitos ainda é visto como uma conquista feminista, atrelando-se ao movimento feminista que se fortalece na década de 1970. Porém, Rachel sempre em sua posição que é tida por muitos como contraditória diz,

Eu não entrei para a ABL por ser mulher. Entrei, porque, independentemente disso, tenho uma obra. Tenho amigos queridos aqui dentro. Quase todos os meus amigos são homens, eu não confio muito nas mulheres. [...] Os homens

---

<sup>23</sup>ENTREVISTA AO PROGRAMA RODA VIVA. Ibidem.

<sup>24</sup>Idem. Ibidem.

<sup>25</sup>Idem. Ibidem.

<sup>26</sup>Idem. Ibidem.

que se precavenham. O mulherio começou a entrar na Academia. A fila é grande<sup>27</sup>.

Porém é indiscutível que a entrada de Rachel na Academia Brasileira de Letras, abre caminho às demais escritoras, uma vez que segundo o Regimento Interno da Academia de 1927, que só será modificado na década de 1970, somente brasileiros do sexo masculino poderiam ser eleitos<sup>28</sup>. Percebe-se o entusiasmo de outras escritoras quando Rachel confessa o pedido de Dinah Silveira de Queiroz, que já tinha tentando antes e desejava entrar na ABL: “Rachel, pelo amor de Deus, aceite essa candidatura, porque a única maneira de eu entrar é você entrar primeiro”<sup>29</sup>.

Rachel concorria contra o jurista Pontes de Miranda e por 23 votos vence a disputa, tendo seu adversário 15 votos além de 1 voto em branco, ocupando dessa forma a cadeira de número 5, cujo patrono é Bernardo Guimarães<sup>30</sup>. A escritora sempre ao falar da Academia, demonstra ter um certo desapego a instituição. Percebe-se em seu livro biográfico quando fala que

o que importa é o que você escreve, o que você pinta, o que você cria. Jamais ninguém me convenceu de que você melhora ou piora a sua qualidade literária se passar a frequentar associações, sessões culturais e o mais do gênero. Para mim, arte é só o corpo a corpo entre você e a criação<sup>31</sup>.

Rachel destaca-se escrevendo, principalmente, romances e crônicas. Escreveu sete romances: *O Quinze* (1930), *João Miguel* (1932), *Caminho de pedras* (1937), *As três Marias* (1939), *Dôra*, *Doralina* (1975), *O galo de ouro* (1986), *Memorial de Maria Moura* (1992). Alguns tiveram adaptações, como *Dôra*, *Doralina* no cinema, *As Três Marias* e *Memorial de Maria Moura* pela TV Globo. Algumas dessas adaptações, como no caso de *As Três Marias*, segundo Rachel, fogem do que é seu livro, conforme a autora explica, dizendo que “foi uma traição principalmente ao meu pensamento”<sup>32</sup>. Na década de 1970 escreveu os livros didáticos *Meu livro de Brasil 3* (educação moral e cívica - 1º grau), *Meu livro de Brasil 4* (educação moral e cívica - 1º grau), *Meu livro*

<sup>27</sup>Fala de Rachel de Queiroz lida pelo Deputado Raimundo Gomes de Matos em ocasião ao centenário de Rachel de Queiroz. Disponível em <[www.camara.gov.br/sileg/MostrarIntegra.asp?CodTeor=820243](http://www.camara.gov.br/sileg/MostrarIntegra.asp?CodTeor=820243)>. Acesso em 16 jun. 2016.

<sup>28</sup>FANINI, Michele Asmar. *As Mulheres e a Academia Brasileira de Letras*. Revista de História da Unesp. vol. 29 n.1, Franca - São Paulo, 2010.

<sup>29</sup>ENTREVISTA AO PROGRAMA RODA VIVA. Ibidem.

<sup>30</sup>ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO CEARÁ. Projeto de Lei nº 153/09 que institui 2010 como o ano Rachel de Queiroz, em homenagem ao centenário de seu nascimento. Disponível em <[http://www.al.ce.gov.br/legislativo/tramit2009/pl153\\_09.htm](http://www.al.ce.gov.br/legislativo/tramit2009/pl153_09.htm)>. Acesso em 15 jun. 2016.

<sup>31</sup>QUEIROZ, Rachel de. QUEIROZ, Maria Luíza de. *Tantos Anos*. São Paulo, Siciliano, 1998. p. 210.

<sup>32</sup>ENTREVISTA AO PROGRAMA RODA VIVA. Ibidem.

de Brasil 5 (educação moral e cívica - 1º grau), todos em coautoria com a professora Nilda Bethlem, além de Luís e Maria (cartilha de alfabetização de adultos) em coautoria com a professora Maria Vilas-Boas<sup>33</sup>. Destaca-se também pelas inúmeras traduções realizadas, por volta de 40 volumes traduzidos para o português<sup>34</sup>. Trilhando os seus caminhos, adversos e talvez contraditórios, Rachel mesmo que não desejasse, torna-se símbolo para outras mulheres e firma-se no cenário literário, tendo reconhecimento de escritora tal como era.

### 1.2.1 OS CAMINHOS PARA O GOLPE DE 1964

Em 1960, iniciou-se a campanha para disputa eleitoral que levaria um novo nome à Presidência da República. Henrique Teixeira Lott, general e ministro da Guerra tinha um forte prestígio e foi o representante da coligação PTB/PSD nas eleições do referido ano<sup>35</sup>. Do outro lado, havia inúmeras divergências. Conforme Pedro, Lima e Carvalho,

os setores mais tradicionais da UDN lançaram a candidatura de Juraci Magalhães, político ultraconservador. O setor mais ligado aos militares, comandados por Carlos Lacerda, insistia em lançar um candidato que tivesse um perfil populista, ou seja, queria usar as mesmas armas do getulismo. Seria um populismo de direita. A chance de a UDN ganhar as eleições estava em apoiar a candidatura do excêntrico ex-governador de São Paulo Jânio Quadros<sup>36</sup>.

Jânio Quadros vence essa eleição. Na época as eleições para Presidente e Vice-Presidente eram separadas e o Vice eleito foi João Goulart. O novo Presidente tinha um jeito muito peculiar de ser, fortemente populista e progressista. O símbolo de sua campanha era uma vassoura, pois Jânio, durante a campanha eleitoral, prometeu varrer a corrupção do país, porém em seu mandato preocupou-se com questões nada relevantes como a proibição das brigas de galo, o uso de lança-perfume no Carnaval e o de maiôs cavados nos desfiles de beleza<sup>37</sup>.

<sup>33</sup> ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Ibidem.

<sup>34</sup> Idem. Ibidem.

<sup>35</sup> MOTTA, Marly. *JK e as eleições presidenciais de 1960. As eleições de 1958 e o crescimento do PTB*. Disponível em <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Politica/Eleicoes1960>>. Acesso em 20 jun. 2016.

<sup>36</sup> PEDRO, Antonio. LIMA, Lizânias de Souza. CARVALHO, Yone de. *História do Mundo Ocidental*. São Paulo: FTD, 2005.

<sup>37</sup> Decreto nº 50.620, de 18 de Maio de 1961. Publicação: Diário Oficial da União - Seção 1- 18/5/1961, Página 4549 (Publicação Original). Coleção de Leis do Brasil - 1961, Página 216 Vol. 4 (Publicação

Jânio volta-se para questões menores e esquece os grandes problemas nacionais. Seguia uma política liberal na economia, implantou o congelamento de salários o que desagradou os sindicatos e às classes trabalhadoras. Na campanha mostrou-se popular e perto do povo, porém a sua política era nitidamente antipopular, o que fez com que uma crise política chegasse.

A campanha contra Jânio inicia quando ele adota uma posição independente aos Estados Unidos nas questões de políticas externas e se aproximando da União Soviética. Inclusive, quando o governo norte-americano invade Cuba para depor Fidel Castro, Jânio condena publicamente tal ato<sup>38</sup>. Isso fez com que a oposição no Congresso crescesse e os seus projetos não fossem aprovados.

O Presidente então decide renunciar. Jânio esperava que o Congresso não aceitasse a sua renúncia e que as massas populares não permitissem e reivindicassem pela sua volta à Presidência. Porém nenhuma das duas hipóteses aconteceu. O Congresso aceitou a renúncia e empossou interinamente o Presidente da Câmara Ranieri Mazzilli. O certo era que os parlamentares conservadores não queriam João Goulart, ligado à esquerda e ao sindicato, no poder e tentam impedir a sua posse como Presidente. Sabendo dessa situação, Brizola incendeia o povo contra o golpe, propondo até mesmo resistência armada. A crise só foi contida após uma emenda constitucional que institui o parlamentarismo, com Jango como Presidente, mas o poder exercido seria do primeiro-ministro escolhido pelo Congresso<sup>39</sup>.

O Brasil passa então a viver sob um frágil regime parlamentarista que se estendeu até 1963, pois o plebiscito que seria realizado em 1965 para confirmar ou não a adoção do parlamentarismo no país, foi antecipado devido aos conflitos econômicos que se aprofundaram na época. O sistema parlamentarista estava cercado de insatisfações políticas e sociais, frágil, colapsado e a população foi favorável ao retorno do presidencialismo.

---

Original). Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-50620-18-maio-1961-390463-publicacaooriginal-1-pe.html>> e <<http://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/janio-quadros-quis-varrer-do-pais-brigas-de-galo-corridas-de-cavalo-biquinis-19326640>>. Acesso em 20 jun. 2016.

<sup>38</sup>FELTEN, Rui. *Jânio Quadros, carismático e contraditório, abandona o poder*. Jornal Sul 21 Online. Matéria publicada em 19 abr. 2011. Disponível em <<http://www.sul21.com.br/jornal/janio-quadros-carismatico-e-contraditorio-abandona-o-poder/>>. Acesso em 20 jun. 2016.

<sup>39</sup>CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Há 50 anos a renúncia de um presidente marcou a história republicana do país*. Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/comunicacao/institucional/noticias-institucionais/ha-50-anos-a-renuncia-de-um-presidente-marcou-a-historia-republicana-do-pais>>. Acesso em 20 jun. 2016.

Em 1963, já com o Presidencialismo restaurado, Goulart lança o Plano Trienal, que deveria combater a inflação e retomar o crescimento econômico semelhante à época de Juscelino Kubitschek. Para isso, o Plano era acompanhado pelas Reformas de Base, que eram reformas mais profundas nas áreas agrárias, tributárias, financeiras e administrativas. Essas reformas representavam a tentativa de promover a distribuição de renda no país, que segundo Azevedo e Seriacopi,

as reformas de base dividiram a sociedade brasileira. Grupos de esquerda, setores trabalhistas, sindicalistas, ligas camponesas e entidades estudantis lideradas pela União Nacional dos Estudantes - UNE – apoiavam as medidas. As reformas de base, entretanto, encontravam forte oposição entre os grupos conservadores da sociedade: associações patronais, empresários, oficiais de alta patente das Forças Armadas, setores de alta hierarquia da Igreja Católica, políticos de direita, etc. Para esses setores, Jango pretendia, na verdade implantar o comunismo no Brasil <sup>40</sup>.

Implantar o comunismo no Brasil. Esse era o pensamento da elite, talvez pelo caráter de esquerda do governo de Jango, muitas vezes contrário aos ideais norte-americanos. Com o comício realizado em março de 1964 na Central do Brasil, Jango faz com que a classe média junto com a elite das Forças Armadas antecipem o golpe que o tiraria da Presidência da República. A Marcha da Família com Deus pela Liberdade foi uma espécie de resposta ao comício de Jango<sup>41</sup>, mostrando que existia uma base social favorável ao golpe e contra o comunismo que o Presidente pretendia implantar e que cria o ambiente para a intervenção militar.

O general Olympio de Mourão Filho inicia a marcha para o Rio de Janeiro para depor Jango. Ao receber o manifesto que exigia sua renúncia, que era apoiado pelos governadores dos principais estados do país, Jango retorna à Brasília para tentar contornar a situação. Chegando lá percebe que nenhum militar o apoiaria, pois quase todas as unidades militares aderiram ao golpe rapidamente e, então, decide partir para o Rio Grande do Sul, onde Brizola preparava a resistência, porém não logra êxito. João Goulart não era mais o Presidente do Brasil e os militares estavam no poder<sup>42</sup>.

---

<sup>40</sup>AZEVEDO, Gislane Campos. SERIACOPI, Reinaldo. *História*. São Paulo: Ática, 2005.

<sup>41</sup>MELITO, Leandro. *Marcha da Família com Deus pela Liberdade pedia queda de Jango há 50 anos*. Portal EBC. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/cidadania/2014/03/marcha-da-familia-com-deus-pela-liberdade-em-19-de-marco-de-1964-0>>. Acesso em 20 jun. 2016.

<sup>42</sup>FONSECA, Marcelo da. *A marcha rumo ao golpe. Como foi a operação militar que partiu de Minas para implantar a ditadura no país*. Jornal Estado de Minas Online. Matéria publicada em 30 mar. 2014. Disponível em <[http://www.em.com.br/app/noticia/politica/2014/03/30/interna\\_politica,513303/a-marcha-rumo-ao-golpe.shtml](http://www.em.com.br/app/noticia/politica/2014/03/30/interna_politica,513303/a-marcha-rumo-ao-golpe.shtml)>. Acesso em 20 jun. 2016.

### 1.2.2 O GOLPE TRIUNFA

O período da história do país entre 1964 e 1985 foi denominado pela historiografia brasileira como Ditadura Militar. Arnaldo Spindel define a ditadura,

como sendo um regime político no qual o governo encontra-se monopolizado por uma só pessoa (ou por um reduzidíssimo grupo de pessoas- como no caso das juntas militares) que efetivamente detém o poder sem restrições de nenhuma espécie<sup>43</sup>.

O regime instaurado no Brasil em 1964 estende-se por 21 anos e foi marcado pelo nascimento de um Estado autoritário que reduzia a liberdade democrática por meio da repressão. É importante salientar que os comandantes do Exército apontavam que o regime seria temporário, duraria apenas o tempo para a “onda vermelha” passar.

A primeira forma de suprimir os direitos de liberdade e de reger a vida política foi a instituição do Ato Institucional de número 1, o AI-1, que foi elaborado pelo Comando Supremo Revolucionário, que era a Junta Militar que estava no poder enquanto esperava-se a indicação do novo Presidente, o qual legitimava o novo governo, conforme o trecho:

O Ato Institucional que é hoje editado pelos Comandantes-em-Chefe do Exército, da Marinha e da Aeronáutica, em nome da revolução que se tornou vitoriosa com o apoio da Nação na sua quase totalidade, se destina a assegurar ao novo governo a ser instituído, os meios indispensáveis à obra de reconstrução econômica, financeira, política e moral do Brasil, de maneira a poder enfrentar, de modo direto e imediato, os graves e urgentes problemas de que depende a restauração da ordem interna e do prestígio internacional da nossa Pátria. A revolução vitoriosa necessita de se institucionalizar e se apressa pela sua institucionalização a limitar os plenos poderes de que efetivamente dispõe<sup>44</sup>.

O AI-1 configurava-se para desorganizar o ambiente político do país. Por um lado, a imprensa continuava relativamente livre, eleições para governadores estavam previstas para o ano seguinte, que tentavam demonstrar que mesmo com o golpe e o autoritarismo crescendo, o “clima de liberdade” ainda existia. De outro, líderes ou simpatizantes da esquerda perdiam seus mandatos, tinham os direitos políticos cassados, como Luís Carlos Prestes, Miguel Arraes, Leonel Brizola, Jânio Quadros, João Goulart, entre outros<sup>45</sup>.

<sup>43</sup>SPINDEL, Arnaldo. *O que são ditaduras?* São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985. p. 07.

<sup>44</sup>ATO INSTITUCIONAL Nº 1, DE 9 DE ABRIL DE 1964. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/AIT/ait-01-64.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-01-64.htm)>. Acesso em 21 jun. 2016.

<sup>45</sup>ACERVO DA DITADURA – RS. *ATO Nº 1. Suspende Direitos Políticos*. Disponível em <[http://www.acervoditadura.rs.gov.br/legislacao\\_10.htm](http://www.acervoditadura.rs.gov.br/legislacao_10.htm)>. Acesso em 21 jun. 2016.

Depois do AI-I vieram outros, fechando cada vez mais o cerco. O “mais famoso” certamente é o AI-5, que ficou conhecido como o “mais duro golpe dentro da ditadura”. Ele foi baixado em 13 de dezembro de 1968, durante o governo de Costa e Silva e vigorou até dezembro de 1978<sup>46</sup>. Produziu inúmeras ações arbitrárias, com efeitos duradouros, dando amplos poderes aos governantes para punir de maneira severa pessoas que fossem contra o regime militar. Suspendeu liberdades democráticas e direitos constitucionais. A prática de tortura nesse contexto de repressão foi muito utilizada, tanto para punir como para arrancar confissões.

O período da Ditadura Militar vai ter como característica forte a tortura. No governo anterior ao de Geisel, o do General Médici entre 1969 a 1974, o Brasil viveu o período mais duro da ditadura, segundo Dom Paulo Evaristo Arns,

Sob o lema “Segurança e Desenvolvimento”, Médici dá início, em 30 de outubro de 1969, ao governo que representará o período mais absoluto de repressão, violência e supressão das liberdades civis de nossa história republicana. Desenvolve-se um aparato de “órgãos de segurança”, com características de poder autônomo, que levará aos cárceres políticos milhares de cidadãos, transformando a tortura e o assassinato numa rotina<sup>47</sup>.

O Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) e o Destacamento de Operações de Informações - Centro de Operações e Defesa Interna (DOI-CODI) foram bastante usados para reprimir de maneira brutal. As torturas eram variadas, iam da física à psicológica. Não havia respeito pelos direitos da pessoa humana. Pode-se perceber o grau de barbaridade em que eram expostos os interrogados pelos órgãos, segundo o depoimento,

[O torturado relata que] foi conduzido às dependências do DOI-CODI, onde foi torturado nu, após tomar um banho pendurado no pau-de-arara, onde recebeu choques elétricos através de um magneto, em seus órgãos genitais e por todo o corpo, [...] foi-lhe amarrado um dos terminais do magneto num dedo de seu pé e no pênis, onde recebeu descargas sucessivas, a ponto de cair no chão<sup>48</sup>.

É sabido que os líderes do regime militar negavam as práticas de tortura, até mesmo para controlar tal ato. Segundo Groppo,

a dificuldade vem do fato de que as ditaduras, ainda que sejam por definição sistemas fundados sob a violência, não podem se manter muito tempo no

<sup>46</sup>D'ÁRAÚJO Maria Celina. *AI-5. O mais duro golpe do regime militar*. Disponível em <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5>>. Acesso em 21 jun. 2016.

<sup>47</sup>ARNS, Dom Paulo Evaristo. *Brasil: nunca mais*. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 63.

<sup>48</sup>Idem. *Ibidem*. p. 35.



poder somente por esse meio, e tem necessidade também de um certo consenso<sup>49</sup>.

Vários instrumentos repressores foram utilizados nesse período. Existia toda uma rede de órgãos repressivos, funcionando ativamente para manter sob controle os grupos de esquerda ou qualquer outro que pudesse de alguma maneira ameaçar o governo. Conforme Arns, “a tortura foi indiscriminadamente aplicada no Brasil, indiferente à idade, sexo ou situação moral, física e psicológica em que se encontravam as pessoas suspeitas de atividades subversivas”<sup>50</sup>.

### 1.2.3 O BRASIL NA DÉCADA DE 1970: DIVERSIDADE E RESISTÊNCIA

Até 1973, a sucessão de Médici não era discutida. Ernesto Geisel foi indicado e torna-se o 4º General-Presidente do Brasil, tomando posse em 15 de março de 1974. Em seu discurso, apontava para a democratização do país de forma “lenta, gradual e segura”. Essa abertura devia-se principalmente ao grupo que Geisel pertencia: o dos Castellitas e a entrega do poder aos civis era uma das propostas do grupo em 1964<sup>51</sup>.

Geisel assume o poder no início da recessão econômica e herda a crise que começava no Brasil. A crise do Milagre Econômico se deu, pois esse projeto econômico já tinha falhas na sua idealização: forte arrocho salarial, concentração de renda em poucas mãos mesmo com o crescimento do país e a dependência do capital externo<sup>52</sup>. No final da década de 1970, o sindicato dos metalúrgicos da região do ABC Paulista começa a fazer greves<sup>53</sup>, uma vez que no governo Geisel esse direito foi retomado, e começam a questionar o desgaste do regime militar, no qual tantos militares menos radicais quanto a oposição percebiam a necessidade de reformas no regime.

---

<sup>49</sup>GROPPO, Bruno. Amnésia, repressões, mitos: como se conta o passado após uma Ditadura. IN 1964: 50 anos depois: a ditadura em debate. Grimaldo Carneiro Zachariadhes (Org.) Editora Edise: Aracaju, 2015. p. 11.

<sup>50</sup>ARNS, Dom Paulo Evaristo. Ibidem. p. 43.

<sup>51</sup>RESENDE, Pâmela de Almeida. *Da Abertura Lenta, Gradual e Segura à Anistia Ampla, Geral e Irrestrita: A Lógica do Dissenso na Transição para a Democracia*. Revista Sul-Americana de Ciência Política, vol. 2, n. 2, 36-46.

<sup>52</sup>MACARINI, José Pedro. *A política econômica do governo Médici: 1970-1973*. Nova econ. vol.15 n.3 Belo Horizonte Set./Dec. 2005.

<sup>53</sup>TIBLE, Jean. *Lutas operárias em São Paulo e no ABC nos anos 70*. Lugar Comum. n. 25-26, p. 291-309.

A dependência do capital externo, em uma época marcada pela crise do petróleo<sup>54</sup>, faz com que os mercados externos, no que se refere ao consumo dos produtos brasileiros, comecem a consumir com menos intensidade, diferente de alguns anos atrás e, principalmente, com poucos investimentos externos. Sem créditos, sem empréstimos que vem de fora do país, faz com que a economia brasileira enfraqueça o que provoca o aumento da dívida externa e o aumento da inflação. Pode-se dizer então que o Milagre não tem mais fôlego para fazer o Brasil crescer e refletia na maioria da população brasileira que não desfrutava do “milagre”.

O processo de abertura política enfrentava alguns entraves. Primeiramente, os militares não entregariam o poder de uma hora para outra aos civis. E para eles o futuro governo civil deveria seguir com a política econômica associada ao capital estrangeiro. Outro ponto que limitava a abertura era o fato dos militares não aceitarem investigações sobre os casos de torturas e violência excessiva cometidos. Esse segundo item mostra que o processo de abertura foi lento para que os militares e a própria instituição Exército não sofressem futuras retaliações, conforme Celina D’Áraújo,

[...] o norte central para orientar a abertura desses governos era não permitir qualquer cisão nas Forças Armadas. Havia permanecido coesas no poder para efeitos do “Público externo” e teriam que sair em bloco, sem fissuras, sem clivagens, frente à sociedade. Era uma forma de se protegerem em bloco de possíveis demandas por processos judiciais envolvendo a questão dos direitos humanos, os atos discricionários praticados durante a ditadura. Era uma transição que colocava como inegociável a imunidade militar. Para isso a coesão na saída era imprescindível. O discurso precisava ser monolítico. [...] nossa transição foi a mais longa entre todas aquelas praticadas pelas ditaduras que caíram na época<sup>55</sup>.

No governo Geisel a tortura é ampliada e os órgãos de informação e segurança crescem exorbitantemente. O Estado de São Paulo era o principal a ser vigiado pelos órgãos de repressão. Pessoas eram sequestradas pelo DOI-Codi e em outubro de 1975, Wladimir Herzog, chefe de jornalismo da TV Cultura acaba morrendo no Segundo Exército após ser chamado para depor. Em janeiro de 1976 o mesmo acontece com o operário Manoel Fiel Filho após o seu interrogatório<sup>56</sup>. Em ambos os casos os

<sup>54</sup>ACERVO O GLOBO. *Opep mergulha o mundo na crise do petróleo nos anos 70, causando recessão*. Disponível em <<http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/opep-mergulha-mundo-na-crise-do-petroleo-nos-anos-70-causando-recessao-10230571>>. Acesso em 21 jun. 2016.

<sup>55</sup>D’ÁRAÚJO, Maria Celina. Geisel e Figueiredo e o fim do regime militar. In: *Seminário 40 anos do golpe de 1964*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2004. p. 93.

<sup>56</sup>MEMÓRIAS DA DITADURA. *Biografias da resistência*. Sobre Vladimir Herzog ver <<http://memoriasdeditadura.org.br/biografias-da-resistencia/vladimir-herzog/>> e sobre Manoel Fiel Filho

responsáveis pelo DOI-Codi, que eram submissos ao Segundo Exército, alegaram suicídio, versão que não convenceu a sociedade civil e que passa a repudiar as arbitrariedades cometidas pelo governo autoritário.

Esses episódios criam então um ambiente duplo: de um lado os civis, manifestando-se contra os excessos e qualquer tipo de tortura e, do outro, o próprio Geisel controlando a linha dura dos militares, demitindo Ednardo D'Ávilla Melo, que era o comandante do Segundo Exército, local que aconteceram as mortes. É importante frisar que a posição de Geisel era ambígua, pois ora era de tolerância, mas apoiava o uso da violência, conforme disse ao general Dale Coutinho: “[...] esse troço de matar é uma barbaridade, mas acho que tem que ser [...] Nós não podemos largar essa guerra. Infelizmente nós vamos ter que continuar [...]”<sup>57</sup>.

Um ponto importante a destacar do governo Geisel, foi o episódio das eleições de 1974 e 1976, nas quais o MDB teve uma vitória expressiva, atraindo a população com seus discursos de transformação da sociedade. A maneira de calar a oposição foi a criação da Lei Falcão em julho de 1976, que implantava novas regras para a propaganda política, onde os candidatos somente podiam divulgar o seu nome, partido e número para votação e eram vetados os discursos e propagação de propostas ou críticas ao regime militar nas exibições na televisão<sup>58</sup>.

O ano de 1977 é considerado como o ano decisivo no processo de abertura política do Brasil devido às medidas implantadas por Ernesto Geisel, que foram chamadas de “Pacote de Abril”. Geisel pretendia arrochar a economia para reduzir a inflação e a dívida externa. Também garantiam a maioria do Arena no Congresso e o controle dos governos estaduais.

Geisel para frear a movimentação política que ganhava nova vida e para não permitir o renascimento de uma oposição ferrenha, começa a cassar vereadores acusados de serem comunistas<sup>59</sup>. O Presidente e seus aliados estavam preocupados com as eleições para governador que ocorreriam no ano seguinte, que segundo a Constituição vigente deveria ocorrer de maneira direta e, a única maneira de reverter

---

ver <<http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/manoel-fiel-filho/>>. Acesso em 21 jun. 2016.

<sup>57</sup>GASPARI, Elio. *A ditadura derrotada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 324-325.

<sup>58</sup>JORNAL DO SENADO. *Lei Falcão, a resposta dos militares à vitória da oposição*. Publicado em 10 jul. 2006. Disponível em <<http://www12.senado.leg.br/jornal/edicoes/2006/07/10/lei-falcao-a-resposta-dos-militares-a-vitoria-da-oposicao>>. Acesso em 21 jun. 2016.

<sup>59</sup>MEMORIAL DA DEMOCRACIA. *Geisel usa AI-5 para cassar vereadores*. Disponível em <<http://www.memorialdademocracia.com.br/card/geisel-usa-ai-5-para-cassar-vereadores>>. Acesso em 21 jun. 2016.

essa situação seria uma emenda que mantivesse as eleições indiretas. Porém, para aprová-la, eram necessários 2/3 dos votos e para consegui-los seria necessário apoio do MDB, o que não aconteceu. Esse foi o motivo encontrado por Geisel para decidir fechar o Congresso através do AI-5. Segundo o CPDOC-FGV,

Durante os 14 dias em que o Congresso esteve fechado, foi baixado um conjunto de medidas voltadas principalmente para garantir a preservação da maioria governista no Legislativo, especialmente no Senado. Geisel não podia se esquecer da estrondosa vitória nas eleições de 1974 do partido opositorista, que elegeu 16 das 22 cadeiras senatoriais então em disputa. Por isso mesmo, uma das "novidades" do chamado "Pacote de Abril" foi a criação da eleição indireta para 1/3 dos senadores, logo denominados pejorativamente de "biônicos". Composto de 14 emendas e três artigos novos, além de seis decretos-leis, o "Pacote" determinou ainda, entre outras medidas:

- eleições indiretas para governador, com ampliação do Colégio Eleitoral;
- instituição de sublegendas, em número de três, na eleição direta dos senadores, permitindo à Arena recompor as suas bases e aglutiná-las sob o mesmo teto;
- ampliação das bancadas que representavam os estados menos desenvolvidos, nos quais a Arena costumava obter bons resultados eleitorais;
- extensão às eleições estaduais e federais da Lei Falcão, que restringia a propaganda eleitoral no rádio e na televisão e fora criada para garantir a vitória governista nas eleições municipais de 1976;
- alteração do quorum - de 2/3 para maioria simples - para a votação de emendas constitucionais pelo Congresso;
- ampliação do mandato presidencial de cinco para seis anos<sup>60</sup>.

O Pacote de Abril foi tido como um atraso à abertura política, pois cancelou as eleições para governador, além de garantir a maioria ao regime com seus senadores biônicos, que eram escolhidos diretamente pelo governo para ocupar 1/3 do Senado e modifica todo o arranjo da Câmara dos Deputados, dando maior destaque ao Norte e Nordeste, que eram as regiões com maior interferência da Arena<sup>61</sup>.

Já em 1978, Geisel cede a anistia política aos exilados, que agora poderiam retornar ao país, como Brizola e Luís Carlos Prestes, a Lei de Segurança Nacional, meio jurídico do autoritarismo do regime, foi mudada e em 1979 o AI-5 foi revogado. O Presidente também restabeleceu o direito de habeas corpus e a imprensa teve a censura suspensa parcialmente<sup>62</sup>. Dessa forma o governo elaborava o seu esquema de abertura política, que previa eleição indireta de um sucessor militar para então ter um presidente

<sup>60</sup>MOTTA, MARLY. *Pacote de Abril*. Disponível em <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/PacoteAbril>>. Acesso em 20 jun. 2016.

<sup>61</sup>PINTO, Tales dos Santos. *Os senadores biônicos e o Pacote de Abril*. Disponível em <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiadobrasil/os-senadores-bionicos-pacote-abril.htm>>. Acesso de 21 jun. 2016.

<sup>62</sup>MEMÓRIAS REVELADAS. *Luta pela democratização*. Disponível em <<http://www.memoriasreveladas.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=18>>. Acesso em 21 jun. 2016.

civil, contudo ligado aos militares. Mesmo de forma lenta, havia um processo de abertura e principalmente de eleições em curso, mostrando que as pressões da população estavam tendo resultado.

O movimento estudantil universitário tornou-se um grande movimento social, em que DCE's (Diretórios Centrais Estudantis), UEE's (União Estaduais dos Estudantes) e a UNE (União Nacional dos Estudantes), influenciavam de certa forma a política nacional. Os estudantes enfrentavam as ideias conservadoras e buscavam, através das manifestações, liberdade e exercício dos direitos humanos. Antes mesmo da ditadura, a UNE teve papel relevante quando transferem sua sede para Porto Alegre, para que pudessem se unir a Leonel Brizola, que comandava a resistência para que a posse de João Goulart não fosse impedida<sup>63</sup>.

Devido às inúmeras manifestações, congressos, passeatas, os estudantes foram duramente perseguidos. Segundo o site Memórias da Ditadura,

em diversos momentos, tiveram que atuar na clandestinidade. Foram massacrados pela polícia em diferentes ocasiões, reprimidos brutalmente, como os demais movimentos de oposição. Muitos militantes foram presos, torturados, feridos e mortos em confrontos com os militares. Vários dos líderes estudantis acabaram se enveredando pela luta armada, na tentativa de depor o governo. Outros foram obrigados a se exilar. Eram vistos pelo regime como uma ameaça à segurança nacional, como um mal a ser cortado pela raiz. Alvo de sucessivas tentativas de desarticulação por parte do governo, o movimento soube se reinventar e se reorganizar<sup>64</sup>.

A década de 1970 é marcada pelas novas correntes que adentravam no espaço universitário, principalmente a marxista e muitos universitários terão afinidade com essa ideologia, passando a discutir o papel da universidade para a sociedade. Já no início do regime militar a UNE é duramente atacada e impedida de continuar com seus atos, devido às influências da ideologia marxista<sup>65</sup>. As lideranças queriam a volta da legalidade das entidades estudantis e o controle das mesmas, o que gera novos protestos contra o regime que em 1968 tem o seu ápice.

Uma forma de manifestação eram os shows e apresentações culturais promovidos pelos estudantes para que o movimento não fosse silenciado. Ao longo do ano de 1977 os universitários tentam reorganizar a UNE, saindo às ruas para defender a

---

<sup>63</sup>UNE. *História da UNE*. Disponível em <<http://www.une.org.br/2011/09/historia-da-une/>>. Acesso em 23 jun. 2016.

<sup>64</sup>MEMÓRIAS DA DITADURA. *Estudantes. Participação central dos estudantes no cenário político*. Disponível em <<http://memoriasdaditadura.org.br/estudantes/>>. Acesso em 23 jun. 2016.

<sup>65</sup>Idem. *Ibidem*.

democracia em grandes passeatas articuladas com outros segmentos da sociedade, mas há forte repressão, inclusive durante o I e II Encontro da UNE. A reconstrução propriamente dita da entidade só irá ocorrer dois anos mais tarde<sup>66</sup>.

Outro movimento que ganha destaque no final da década de 1970 é o LGBT, que busca reconhecimento e enfrenta o regime para garantir os seus direitos. Seguramente o debate em torno da questão era escasso, uma vez que o regime militar exigia da sociedade um padrão de moralidade, e evidentemente os LGBT não se enquadravam nesse padrão, gerando repressão ao grupo<sup>67</sup>. Poucas foram as pessoas com essa orientação sexual que tiveram destaque em suas áreas de trabalho durante a ditadura, como por exemplo, o estilista, apresentador de tv e futuro deputado federal Clodovil Hernandes. Vale ressaltar que esse destaque, talvez, se deu pelo fato da não aceitação de sua orientação por parte do próprio Clodovil. Aparecia como “homem”, logo, não fugia tanto do padrão esperado.

A repressão existia e era forte. Também conforme o site Memórias da Ditadura,

além da repressão dentro de órgãos oficiais, homossexuais e travestis eram frequentemente perseguidos e presos pelas polícias nas ruas. Em São Paulo, entre os anos de 1975 e 1982, durante as administrações de Paulo Egydio Martins e Paulo Maluf, as rondas policiais no centro da cidade eram destinadas sobretudo à abordagem violenta e à prisão dessas pessoas pela suposta prática de vadiagem. O delegado José Wilson Richetti e seus policiais promoviam verdadeiros arrastões pelas ruas do centro, que ocasionavam detenções violentas, justificadas por abaixo-assinados de comerciantes e trabalhadores da região, fomentados pelo próprio delegado em prol da moralidade defendida pelo regime<sup>68</sup>.

Uma das formas que o movimento LGBT vai conseguir espaço na sociedade é atrelando-se à cultura. O Jornal O Lampião, por exemplo, que gerava o debate em torno da condição do indivíduo ser subjugado aos modos de uma sociedade sexista, propaga em espaços onde a identidade sexual era assegurada<sup>69</sup>. Foi por esse viés das artes que conseguiram reelaborar a maneira emancipatória de seu próprio ser através sexualidade. Na música podemos destacar Ney Matogrosso e os Secos e Molhados que busca através

---

<sup>66</sup>KIEFER, Sandra. Nossa história: estudantes do Brasil decidiram em 1977 enfrentar repressão militar. Jornal Estado de Minas Online. Matéria publicada em 22 jun. 2013. Disponível em <[http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/06/22/interna\\_gerais,410680/nossa-historia-estudantes-do-brasil-decidiram-em-1977-enfrentar-repressao-militar.shtml](http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/06/22/interna_gerais,410680/nossa-historia-estudantes-do-brasil-decidiram-em-1977-enfrentar-repressao-militar.shtml)>. Acesso em 23 jun. 2016

<sup>67</sup>MEMÓRIAS DA DITADURA. *LGBT. Repressão à comunidade LGBT na ditadura*. Disponível em <<http://memoriasdaditadura.org.br/lgbt>>. Acesso em 25 jun. 2016.

<sup>68</sup>Idem. *Ibidem*.

<sup>69</sup>FERREIRA, Carlos. *Imprensa Homossexual: surge o Lampião da Esquina*. Revista Altejour, vol. 1 n. 1, São Paulo, 2010.

da música refutar os papéis socialmente construídos para homem e para mulher. Ney rebolava, vestia plumas, tinha um timbre diferente, um aspecto andrógono e incomodava o regime. Segundo o pensamento de Marcelo Ridenti, o final da década de 1970 será do romantismo revolucionário devido à forte transformação que ocorria<sup>70</sup>.

Cantar e compor era perigoso devido a censura que era feroz aos artistas, músicas de Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Geraldo Vandré e entre outros compositores eram constantemente proibidas<sup>71</sup>. A música será uma forte arma contra a ditadura, que desde o seu início, traz com a bossa nova e os festivais, composições desafiadoras nas quais os intérpretes se posicionavam politicamente. Apesar de você e o seu verso “Amanhã será um novo dia”, talvez seja a música que representa melhor a década de 1970.

É por volta da década de 1970 que os debates sobre a luta pelos direitos e emancipação das mulheres começam. A Organização das Nações Unidas (ONU) define como o Ano Internacional da Mulher (e o primeiro ano da Década da Mulher), em 1975<sup>72</sup>, o que gera a ciência das lutas femininas em todo o mundo. É em 1975 também que vários grupos começarão a atuar, com discussões apontando para o fim da opressão e igualdade entre gêneros, tais como: Sociedade Brasil Mulher, Associação Nós Mulheres, Centro da Mulher Brasileira, Associação das Mulheres de A. E. Carvalho, SOS Mulher, Coletivo Feminino da Sexualidade e Saúde da Mulher, União Brasileira de Mulheres, Grupo de Mulheres Lésbico Feministas (GLF)<sup>73</sup>.

O romance *Dôra Doralina*, objeto de estudo deste trabalho, é lançado em 1975. A literatura durante a ditadura militar, também serve para transmitir ideais e posicionamentos e também irá sofrer com a censura imposta. Surge então a literatura marginal, com temas relacionados ao cotidiano, contrárias “às formas comerciais de produção e circulação da literatura”<sup>74</sup>. No romance, segundo Cereja e Magalhães, seguirá “as direções tradicionais da nossa ficção - a regionalista e a psicológica -,

<sup>70</sup>RIDENTI, Marcelo. Cultura e política: os anos de 1960-1970 e sua herança In: DELGADO, Lucilia de Almeida Neves, FERREIRA, Jorge. *O Brasil republicano: o tempo da ditadura – regime militar e movimentos sociais do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

<sup>71</sup>CARVALHO, Stephanie. ROCHA, Luana Paula. SILVA, Jéssica Natalia. TOSO, Sthefany. *A censura às músicas de Chico Buarque na ditadura (1964-1985)*. Observatório da Imprensa. Edição n. 849 de 05/05/2015. Disponível em <<http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/a-censura-as-musicas-de-chico-buarque-na-ditadura-1964-1985/>>. Acesso em 25 jun. 2016.

<sup>72</sup>MEMÓRIAS DA DITADURA. *Movimento Feminista*. Disponível em <<http://memoriasdeditadura.org.br/mulheres/>>. Acesso em 30 jun. 2016.

<sup>73</sup>Idem. Ibidem.

<sup>74</sup>OLIVEIRA, Rejane Pivetta de. *Literatura marginal: questionamentos à teoria literária*. Ipotesi, Juiz de Fora, v. 15, n. 2 - Especial, jul./dez. 2011. p. 31.

enriquecendo-a, diversificando-a, inovando-a”<sup>75</sup>, como é percebido no romance de Rachel de Queiroz.

Percebe-se em *Dôra Doralina* os aspectos que permeiam a vida das mulheres em meados da década de 1970, que são as batalhas por sua independência e liberdade, além de evidenciar que são sujeitos ativos da história, possuem desejos de tomar as rédeas de suas próprias vidas e conquistar cada vez mais seu espaço na sociedade.

---

<sup>75</sup>CEREJA, William Roberto. MAGALHÃES, Tereza Cochar. *Ibidem*. p. 496.



## CAPÍTULO II

### MULHERES EM CENA

#### 2.1 POR QUE ESTUDAR MULHERES?

Na primeira metade do século XX com a Escola dos Annales houve uma nova perspectiva historiográfica, que sugeria uma escrita da história dando ênfase às questões econômicas, sociais e não apenas políticas. Apesar das mudanças ocorridas, os estudos sobre mulheres ainda eram pouco privilegiados. Esse cenário só começaria a mudar no final do mesmo século, quando emergem grandes pesquisas especializadas no contexto feminino.

Durante esse largo espaço de tempo, um dos fatores que levou a “história das mulheres” a ser silenciada foi o fato de a História ser escrita por homens. Em uma sociedade que se configura por ser patriarcal, onde as mulheres eram vistas como “seres inferiores”, não parecia ter importância retratá-las como atuantes e criadoras de suas próprias narrativas.

Para June Hanner, uma das causas para não abordar as mulheres na chamada história oficial é que esta:

[...] diz respeito à natureza da história tradicional assim como àqueles que a escrevem. Os homens, enquanto transmissores tradicionais da cultura na sociedade, incluindo o registro histórico, veicularam aquilo que consideravam e julgavam importante. Na medida em que as atividades das mulheres se diferenciam consideravelmente das suas, elas foram consideradas sem significação e até indignas de menção. Por isso as mulheres permaneceram à margem das principais relações do desenvolvimento histórico<sup>76</sup>.

Dessa forma, os primeiros apontamentos serão para dar visibilidade para aquelas mulheres que de alguma forma se destacaram, principalmente as que detinham alguma forma de poder. As fontes de pesquisa que irão servir para preencher essa lacuna são as primárias como: inventários, testamentos, registro pessoais, dentre esses, cartas e diários. Alguns estudos focaram no privado, destacando o papel da mulher no lar, no casamento, além das normas de condutas que as mesmas tinham que seguir. Já outros

---

<sup>76</sup>HANNER, June E. A Mulher Brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937 apud KARAWEJCZYK, Mônica. *Mulheres, Modernidade e Sufrágio: uma aproximação possível*. Fênix - Revista de História e Estudos Culturais. Vol. 4, Ano IV, nº 4. Out/Nov/Dez de 2007, p.2.

recuperaram a imagem da mulher sem o estereótipo de criatura passiva, principalmente nos escritos sobre o cotidiano fabril.

O que difere a história das mulheres é que ela por um longo tempo foi escrita por convicções feministas, ligada a um contexto político, a uma transformação que o movimento feminista trouxe e que refletiu nos trabalhos de quem se propunha a escrever essa história. Coloca-se em questão que a mulher e sua condição são construídas socialmente. Antes dos historiadores escreverem a história das mulheres, quem o fez foram as feministas, através de lutas que iniciaram os questionamentos sobre a realidade social que viviam, como aponta Tânia Maria Gomes da Silva,

Conforme variados trabalhos salientaram, o feminismo nasceu profundamente imbricado com os movimentos políticos dos anos 1960 e estreitamente vinculado à efervescência cultural e política que varria todo o mundo ocidental. Estes movimentos da vanguarda intelectual colocaram em xeque padrões morais socialmente aceitos, desmontando arraigados valores de família e recusando a posição subalterna da mulher dentro do espaço privado, além de questionar os pressupostos epistemológicos que norteavam o mundo do saber<sup>77</sup>.

Ainda sob a ótica do feminismo, é graças a esse movimento que esse imaginário construído no século XIX que apresentam as mulheres como dóceis e inferiores está sendo modificado. É a desnaturalização de construções sociais acerca dos papéis exercidos, como por exemplo, a do homem público que tinha confiança e respeito diferente da mulher pública que era vinculada aos “prazeres do mundo”.

A história das mulheres ajuda a rever e aumentar certos pontos de determinados contextos históricos e sociais. Temos como exemplo que para aprofundar esses estudos, os pesquisadores se debruçam sobre pesquisas demográficas, taxa de migrações e a profissionalização feminina ao longo do tempo para “tornar” a mulher um objeto a ser estudado pela história. Isso leva ao vínculo entre história da mulher e outras questões históricas, principalmente relacionadas a poder.

Contudo, incluir o sujeito mulher na historiografia foi um avanço por caminhos desconhecidos que até então os historiadores não tinham dado tanta atenção. Na década de 1970, por exemplo, a produção historiográfica foi marcada de maneira bem acentuada pelo marxismo, que aponta a opressão feminina em função do capitalismo. Em 1980 a novidade se dará pela análise do gênero, do estudo da relação entre homem e

---

<sup>77</sup>SILVA, Tânia Maria Gomes da. *Trajetória da Historiografia das Mulheres no Brasil*. Politeia: Hist. e Soc. Vitória da Conquista, v. 8, n.1, 2008, p 225-226.

mulher, revelando a presença das mulheres na vida social, criando sua vida cotidiana e até mesmo estudos sobre formas de resistir à dominação masculina.

Com o passar das décadas, esses caminhos foram se estreitando, através das novas técnicas de se fazer história e foi possível expandir alguns temas e problematizá-los. Porém, como salienta Silva ainda há muito o que ser feito:

Muito mais do que reconhecer que existe uma história das mulheres e que esta tem suas próprias especificidades, é necessário avançar de encontro a uma atitude que, mais do que mera denunciadora, possibilite a real transformação no estatuto da vida das mulheres. Os estudos de gênero só têm real valor à medida que, desnaturalizando as desigualdades, contribuam para uma efetiva transformação nas relações entre homens e mulheres, equalizando as relações. Neste caso, não se trata apenas de estudos que possibilitem a emergência de uma nova mulher, mas, de maneira simultânea, é preciso que os homens aceitem participar da construção de uma nova masculinidade. Scott defende, com razão, a necessidade da construção de um arcabouço teórico que dê conta de responder por que as mulheres foram excluídas da história e que, indo além dessa reflexão, compreenda como a história opera, para que possa efetivamente promover mudanças epistemológicas que transformem a dicotomia entre o feminino e o masculino. É tempo, pois, de mudanças<sup>78</sup>.

As mulheres como sujeitos ativos da história, seus nomes, seus papéis desenvolvidos e sua categoria social são fatos da história. A vida das mulheres não é estudada de uma forma isolada, já que estes estudos são vinculados a outros pontos da história, destruindo assim a construção de que a existência da mulher não tem importância, além de retratar como ocorreu a ruptura do silêncio da história das mulheres e o nascimento desse campo de pesquisa. Assim como aponta Del Priore<sup>79</sup> deve-se identificar a mulher em cada lugar, reconhecê-la e compreender em que momento e circunstância ela foi privada em relação com o mundo masculino. Conhecer os motivos que levaram a essa subsistência e entender quais instrumentos levam o poder masculino a ocultar as atividades femininas.

---

<sup>78</sup>SILVA, Tânia Maria Gomes da. *Ibidem*. p. 228-229.

<sup>79</sup>DEL PRIORE, Mary (org.). Carla Bassanezi (coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. 2ª edição. São Paulo: Contexto/ Edunesp, 1997.

### 2.1.1 SENHORA: UMA SERTANEJA TRADICIONAL (?)

Senhora é a primeira figura que é apresentada na obra que representa uma forma de dominação à personagem central, Dôra. O romance inicia pela parte que é intitulada por “O Livro de Senhora”, onde o narrador conta o começo da vida e a juventude da protagonista e a conflituosa relação com sua mãe. Mostra também o modo como Senhora mandava na Fazenda Soledade após a morte do marido: de maneira firme e concisa, detendo o poder em tudo que a cercava e, pelo fato de ser viúva, esse poder era afirmado, conforme relatou em certo momento: “Nisso tudo, peço que se lembrem de mim de que eu não tenho quem chore por mim; sou uma viúva sozinha”<sup>80</sup>, que mostra uma das formas que ela usava como meio para sua própria proteção.

Por que um nome tão peculiar? Esta é talvez a personagem mais complexa do romance, no qual em momento algum é revelado o seu verdadeiro nome. Utilizando o Dicionário Online de Português, tem-se como alguns do significado da palavra Senhora: “aquela que é dona de alguma coisa; proprietária; mulher poderosa, que exerce sua influência e poder”<sup>81</sup>. Pode-se fazer uma correlação desse significado englobando também a personagem Aurélia do livro Senhora de José de Alencar, que compra um marido e passa a ter posse daquele homem, deixando bem claro a Fernando Seixas que o casamento era apenas uma conveniência<sup>82</sup>. As duas personagens passam a ter posses através da morte de parentes, tornando-se mulheres imponentes diante da sociedade, que exercem seu poderio e por serem respeitadas pelos demais são chamadas de Senhora.

Percebe-se o grande apego de Senhora às suas terras. As terras herdadas dão o respeito a sua pessoa, respeito este que ela tanto gostava e que a igualava a um coronel, figura representativa do sistema patriarcal. É sabido que para a época em que se passa o romance, a posição da mulher na sociedade era como dependente do homem, seja o pai ou o marido, e este por sua vez, tinha as condições para exercer o controle, visto que,

para a sociedade patriarcal era atribuído grande valor a terra e havia a máxima diferenciação entre os sexos para que se pudessem manter os interesses da sociedade escravocrata organizada sobre o domínio exclusivo de uma única classe - a elite rural, de uma única raça - a branca e de um único sexo - o masculino<sup>83</sup>.

<sup>80</sup>QUEIROZ, Rachel de. *Dôra, Doralina*. 20ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004. p. 39.

<sup>81</sup>Dicionário Online de Português. *Significado da palavra Senhora*. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/senhora/>>. Acesso em 18 nov. 2016.

<sup>82</sup>ALENCAR, José de. *Senhora*. 34ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2000.

<sup>83</sup>FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 253.

Mesmo com um modelo fragmentado e começando a ruir, onde os grandes proprietários rurais começavam a perder a supremacia econômica, política e social que um dia tiveram, Senhora dedica-se as suas terras, pois são elas que representam seu poder. A administração da Fazenda Soledade revela que mesmo em um regime patriarcal, as matriarcas poderiam também ocupar lugar de relevância na sociedade, conforme Freyre,

tais mulheres que, na administração de fazendas enormes, deram mostras de extraordinária capacidade de ação – andando a cavalo por toda parte, lidando com os vaqueiros, com os mestres-de-açúcar, com os cambiteiros, dando ordens aos negros, tudo com uma firmeza de voz, uma autoridade de gesto, uma segurança, um desassombro, uma resistência igual à dos homens – mostraram até que ponto era o regime social de compressão da mulher, e não já do sexo, o franzino, o mole, o frágil do corpo, a domesticidade, a delicadeza exagerada. Mostraram-se capazes de exercer o mando patriarcal quase com o mesmo rigor dos homens. Às vezes com maior energia do que os maridos já mortos ou ainda vivos, porém dominados excepcionalmente, por elas<sup>84</sup>.

O Livro de Senhora também descreve os costumes e algumas tradições dos nordestinos durante o século XX. Além de suas mulheres, Rachel traz também como personagem o Nordeste, valorizando o regionalismo e suas marcas, como as mazelas sociais, as oligarquias, a religiosidade, entre outros. Segundo Durval Muniz de Albuquerque Júnior, alguns autores dos romances de 30 “se diferenciam pela área do Nordeste que tomam como referente para pensar a região”<sup>85</sup>. Para alguns a região seria “o Nordeste da cana-de-açúcar, da sociedade patriarcal e escravista que se desenvolvera na Zona da mata, seja no campo, seja nas cidades do litoral”<sup>86</sup>, já a visão de Rachel conforme Durval, “é o sertão o espaço tradicional por excelência e aquele que dá originalidade ao Nordeste”<sup>87</sup>.

Pensar o Nordeste dentro do Livro de Senhora faz pensar que Rachel afirma a identidade da região, além de evidenciar as características dos indivíduos que lá estão inseridos. Tem-se como exemplo a própria Senhora, mulher distinta e bastante religiosa que durante o parto complicado que tivera, apega-se a Nossa Senhora e para que sobrevivesse faz uma promessa a Santa, colocando o nome da filha nascida de Maria das Dores. As questões de fé são notórias no Nordeste brasileiro, cujas crenças e a

<sup>84</sup>FREYRE, Gilberto. *Ibidem*. p. 95.

<sup>85</sup>JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. 5ª edição. São Paulo: Cortez, 2011. p. 127-128.

<sup>86</sup>Idem. *Ibidem*.

<sup>87</sup>Idem. *Ibidem*.

religiosidade popular são presentes no cotidiano do nordestino. A religiosidade sertaneja é cercada de “magia, superstições, a presença de amuletos, orações fortes e de corpo fechado, rezadeiras, beatos”<sup>88</sup>.

Questões de fé ainda no Livro de Senhora também podem ser analisadas através de Delmiro, pertencente a um bando de jagunços que após chegar ferido, pede abrigo na Fazenda Soledade. Percebe-se sua fé quando, após ser bem recebido por Dôra, faz uma promessa a ela como se a própria fosse uma figura celestial, para que ela não revele à Senhora o seu passado:

E eu estou aqui aos vossos pés, na figura de um cordeiro, e aceito o que a senhora ordenar porque a tenho pelo meu anjo salvador, e a palavra que sair da sua boca para mim é a palavra do céu. Esconjuro o nome velho e a vida velha; lhe prometo nunca mais botar a mão numa arma, só se for pela sua ordem e para sua garantia. Jesus Cristo Messias e Nossa Senhora das Dores, madrinha do Juazeiro, e o nosso santo Padrinho Padre Cícero me guardem na sua mão e de mim tenham misericórdia, juntamente com a senhora. Amém. Amém. Amém<sup>89</sup>.

Segundo Alexander Willian Azevedo, “não podiam negar a crença de uma pessoa pelo fato de ser um bandido. Afinal de contas, antes de ser bandido, o cangaço era um cristão devoto”<sup>90</sup>. O cangaço evidencia a imagem dos homens sertanejos sendo violentos que “saqueiam as diversas localidades, matando gente e animais, incendiando propriedades, desordenando famílias, numa série inenarrável de crimes dos mais pavorosos e hediondos”<sup>91</sup>, porém além do jagunço cometer atrocidades, também era temente a Deus e a Nossa Senhora.

Também são representadas as questões políticas no Livro de Senhora. Vitor Nunes Leal em *Coronelismo, Enxada e Voto* aponta para as relações, principalmente no interior do Brasil, nas quais a figura do coronel, que era o chefe político, tinha influência nos demais sujeitos da sociedade. Era uma “superposição de formas do regime representativo a uma estrutura econômica e social inadequada. (...) forma peculiar de manifestação do poder privado”<sup>92</sup>. Com a República Oligárquica surge também o voto de cabresto que consistia na eleição com voto aberto e cada empregado

<sup>88</sup>AZEVEDO, Alexander Willian. *Religiosidade no Nordeste Brasileiro na Era do Cangaço: prospecção de parâmetros de estudos a partir da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)*. V Colóquio de História. Perspectivas Históricas: historiografia, pesquisa e patrimônio. Novembro de 2011. p. 1142. Disponível em <<http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/5Col-p.1141-1152.pdf>>. Acesso em 28 ago. 2016.

<sup>89</sup>QUEIROZ, Rachel de. *Ibidem*. p. 63-64.

<sup>90</sup>AZEVEDO, Alexander Willian. *op. cit.* p. 1144.

<sup>91</sup>JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. *Ibidem*. p. 75.

<sup>92</sup>LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, Enxada e Voto*. São Paulo: Alfa Ômega, 1976. p. 20.

do coronel tinha que votar no candidato que o chefe tinha ordenado. No romance esse momento é representado no trecho:

[Senhora] não gostava de Governo, mandava sempre votar na oposição, ai do eleitor seu que se atrevesse a dar um voto ao nosso inimigo, o prefeito de Aroeiras. Senhora costumava até mandar recados ao homem: “A revolução vem aí!”

Mas na voz de lhe tomarem o que era dela, ficou contra todo mundo: não queria parte com o Governo nem com revoltoso, dizia que um e outro vindo ocupar a sua terra, viva não a apanhavam, preferia tocar fogo em casa, roçado e mata<sup>93</sup>.

Como dito anteriormente, Senhora era viúva e nunca quis casar-se outra vez, pois a viuvez permitia algumas liberdades e todos aqueles que a cercavam estavam sob seu domínio, desde a filha até aos empregados. Casar novamente causaria perda do espaço privilegiado conquistado. Porém, Senhora não passa o resto da sua vida sem aventuras amorosas. Quando Dôra casa-se, a sua mãe começa a relacionar-se com o seu genro, Laurindo, conforme exposto no trecho,

[...] de repente se ouviu um som abafado, um som de voz, no quarto defronte – que era o quarto de Senhora, pegado à sala.

E escutei a fala dela (que nunca na vida tinha conseguido falar baixinho), sim era a fala dela:

- Vá embora! E depois a voz de Laurindo protestando: - Ela tomou o remédio. Não tem jeito de acordar.

Delmiro não sei se escutou tão bem quanto eu, mas vi que entendeu. E eu, eu saí correndo pelo terreiro, descalça e de pijama, no pavor de que os dois me descobrissem. Do lado de lá dos quartos do paiol, caí sentada num monte de tijolo e rompi num choro que era mais um soluço fundo – eu tremia com o corpo todo e me vinha aquele engulho violento – eles dois, eles dois<sup>94</sup>.

Senhora mostrava a personificação da sertaneja tradicional para os demais na sociedade: foi dominada durante o seu casamento e com a viuvez passou a ser dominadora. Mantinha relações bem quistas entre os outros homens de poder da região, seguindo e reproduzindo as normas da sociedade vigente, tida como patriarcal. Poderia relacionar-se com Laurindo, pois o único papel que ele tinha era de marido da filha e futuro herdeiro de sua riqueza. Contudo, assumir uma relação com o próprio genro mancharia sua imagem e a sua posição de dona da Fazenda.

O adultério pela parte masculina estava justificado pela tradição e pela chamada “normalidade masculina”, justificando até mesmo as ocorrências de crimes passionais, diferentemente do adultério feminino. Segundo Rachel Soihet,

<sup>93</sup>QUEIROZ, Rachel de. Ibidem. p. 58

<sup>94</sup>Idem. Ibidem. p. 92.

A desigualdade entre homens e mulheres em relação à questão se constituía numa realidade. Lombroso, cujas ideias estavam revestidas de forte teor evolucionista, apontava na mulher inúmeras deficiências, além de atribuir-lhe fortes traços de perfídia e dissimulação. Ele afirmava que a mulher era menos inteligente que o homem, explicando que a presença da genialidade nesse sexo, por uma confusão de caracteres sexuais secundários, faria a mulher parecer um homem disfarçado. Era a mulher dotada de menor sensibilidade nos mais diversos âmbitos, especialmente na sexualidade. Dentre as razões que apresentava para comprovar tal afirmação, enumerava a raridade das psicopatias sexuais nesse sexo e a sua capacidade de manter a castidade, por longo tempo; atitude impossível de exigir-se dos homens. Assim, justificava que as leis contra o adultério só atingissem a mulher, cuja natureza não a predispunha a esse tipo de transgressão. Apesar de considerar a existência de uma categoria especial de mulheres – as criminosas por paixão –, dizia Lombroso que o tipo puro de criminoso passional seria sempre masculino, pois nunca a explosão da paixão na mulher poderia ser tão violenta quanto no homem<sup>95</sup>.

A mulher não poderia exercer sua sexualidade e caso cometesse adultério tinha como punição a prisão e a pena de morte de acordo com o Código Penal de 1890<sup>96</sup>. Apenas tinha como dever compreender que o homem poderia cometer traições, pois não conseguiria resistir aos jogos de sedução e ser infiel era apenas um tipo de fraqueza momentânea. A contenção da sexualidade feminina também é imposta para a mulher manter-se virgem até o casamento, fazendo com que a própria desconhecesse seu corpo, pois ser pura era essencial para ter uma vida digna e conseguir um bom casamento. A honra tinha um significado tão forte e presente na sociedade que as mulheres insatisfeitas com as abordagens, não hesitavam em “exterminar seus perseguidores”<sup>97</sup>. Na maioria dos casos, a mulher que cometia o crime era absolvida, pois estava defendendo sua honra, já que a conduta foi em bem da moral e para não ficarem marcadas de maneira depreciativa.

### 2.1.2 DÔRA, DORALINA: CAMINHOS À CATARSE

Maria das Dores, mais conhecida como Dôra, rejeitava os papéis socialmente impostos às mulheres. A instrução feminina que recebera, com o passar do tempo servirá como uma espécie de dote, justificando assim a preparação para as chamadas funções tradicionais femininas, ou seja, a função de ser mãe, a primeira educadora dos filhos que repassava os valores daquela sociedade. É o estereótipo em forma de discurso

<sup>95</sup>SOIHET, Rachel. Mulheres Pobres e Violência no Brasil Urbano. IN: DEL PRIORE, Mary (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. 2ª edição. São Paulo: Contexto/ Edunesp, 1997. p. 381.

<sup>96</sup>Idem. Ibidem.

<sup>97</sup>Idem. Ibidem. p. 393.



que reforçava o papel da mulher como submissa e do lar e que realçava as distinções nos privilégios sociais. Conforme Maluf e Mott, “dentro dessa ótica, não existiria realização possível para as mulheres fora do lar; nem para os homens dentro de casa, já que a eles pertenceria a rua e o mundo do trabalho”<sup>98</sup>.

Existia o pensamento que a felicidade só existia no casamento e que o matrimônio era uma necessidade, visto que era tido como questão de saúde e estabilidade da norma. A esposa deveria ser “bondosa, simples, justa com bom humor, diferente da mulher dos tempos modernos, que era cheia de liberdades e que ficava aos beijos com os homens”<sup>99</sup>. Sobre casamento e função da mulher, Dôra diz que,

Eu pensava que casamento não tem jeito, uma vez a gente casando é igual à morte, definitivo; ou não: eu pensava que casamento era como laço de sangue, como pai e filho – a gente pode brigar, detestar, mas assim mesmo está unido, ruim com ele, pior sem ele, o sangue é mais grosso que a água, essas coisas. [...] Às vezes em que ele chegava da rua tão bebido que quase caía do cavalo, na minha mente aquilo era natural em homem; tratava de o deitar na rede, lhe tirava as botas, desabotoava a roupa, lhe refrescava o rosto com uma toalha molhada, pra mim eram essas as obrigações de uma boa mulher<sup>100</sup>.

Desde a infância, Dôra foi educada para casar. Por ser de família abastada, ela fazia parte da parcela mínima de mulheres com estudo. Com a chegada da República no Brasil, as mulheres formavam o maior número de pessoas analfabetas do país, principalmente por alguns motivos: primeiramente, diz respeito a não equidade de oferta de ensino em relação aos homens, à impossibilidade de mulheres frequentarem escolas no período noturno, além da Lei de 15 de outubro de 1827, formulada ainda no Império, que criava escolas para mulheres nas cidades mais populosas e o ensino feminino girava em torno das quatro operações básicas, leitura, escrita e prendas domésticas. Só com a reforma educacional de 19 de abril de 1879 que as mulheres poderão entrar no ensino superior<sup>101</sup>. Em um trecho apontando a vida escolar da protagonista, no qual ela se lembra de amigas que já estavam formadas, boas pra casar, que “deixaram o colégio antes de receberem o diploma – os noivos achavam que elas já estavam sabidas o

<sup>98</sup>MALUF, Marina. MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do Mundo Feminino. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 374.

<sup>99</sup>Idem. Ibidem. p. 390.

<sup>100</sup>QUEIROZ, Rachel de. Ibidem. p. 76-77.

<sup>101</sup>ABRANTES, Elizabeth Sousa. De Normalistas a Doutoradas: a trajetória feminina de acesso ao ensino superior no Maranhão Republicano. IN: BARROS, Antonio Evaldo Almeida; NERIS, Cidivalva Silva Camara; JÚNIOR, Reinaldo dos Santos Barroso; SALES, Tatiane da Silva; BARBOSA, Viviane de Oliveira; NERIS, Wheriston Silva (Orgs.) *Histórias do Maranhão em Tempos de República*. São Luís: EDUFMA, Jundiá, Paço Editorial, 2015.

bastante e, mesmo, para criar menino não se exige ânimo de grau”<sup>102</sup>, percebe-se que o dever da mulher era reduzido aos papéis domésticos.

Com base nisso, temos vários exemplos dentro da obra de afazeres das jovens da época. Dôra fazia renda, já que Senhora dizia que era “ocupação de moça branca”<sup>103</sup>. Por ter uma condição melhor e possuir empregadas na sua casa, não sabia cozinhar muito bem, pois “moça de fazenda não faz coisa grosseira, isso se deixa pras cunhãs; moça faz bolo e doce fino”<sup>104</sup>, diferente da maioria das mulheres que tinham como obrigação cuidar da casa, dos filhos e dos maridos. Em determinado momento do século XX, o consumo será efetivado por uma pequena parte das famílias, onde surgirão aparelhos para as donas de casa amenizar o trabalho doméstico e economizarem o tempo, dando espaço a outras atividades.

Uma dessas outras atividades era o trabalho fora de casa. No caso de mulheres com condições financeiras confortáveis, sair para trabalhar simbolizava o início de sua emancipação, mostrando que também poderia ocupar outros espaços além do doméstico. No caso das mulheres pobres, devido a alguns companheiros não terem emprego em algum momento do relacionamento, era a mulher que ia em busca de renda, o que não deixava de ter algumas complicações, conforme explicam Maluf e Mott:

Esse progresso feminino, no entanto, precisa ser tomado com cautela, uma vez que havia certos limites para a aspiração feminina: eram inúmeros os empecilhos ao acesso a determinadas profissões. As ofertas disponíveis, em geral, estavam próximas daquilo que se considerava uma extensão das atribuições das mulheres: professora, enfermeira, datilógrafa, taquígrafa, secretária, telefonista, operária das indústrias têxtil, de confecções e alimentícia. As mulheres casadas, de acordo com o Código Civil, precisavam da autorização do marido para exercer qualquer profissão fora do lar – atividade que só era considerada legítima quando necessária para o sustento da família, raramente para realização pessoal<sup>105</sup>.

Ou seja, a mulher não poderia ter ambições profissionais, e mesmo trabalhando fora, quando chegasse em casa ainda deveria ser uma exemplar dona de casa. É interessante salientar que se a mulher não trabalhasse fora, esta era dependente financeiramente ao marido e que muitos acreditavam que era um privilégio a mulher casada ter de tudo sem precisar trabalhar. E iam mais além: caberia a mulher “saber

<sup>102</sup>QUEIROZ, Rachel de. Ibidem. p. 48.

<sup>103</sup>Idem. Ibidem. p. 49.

<sup>104</sup>Idem. Ibidem. p. 318-319.

<sup>105</sup>MALUF, Marina. MOTT, Maria Lúcia. Ibidem. p. 402.

gerenciar o dinheiro das despesas [...] deveriam produzir em casa, com as próprias mãos, tudo aquilo que fosse possível”<sup>106</sup>, justamente para agradar ao marido por não pedir-lhe dinheiro, além de ocupar o tempo livre com trabalhos artesanais.

Mudanças nos mais diversos âmbitos marcaram a virada do século XIX para o século XX, incluindo mudanças no comportamento feminino, que foram percebidas principalmente, nas três primeiras décadas do século XX, conforme apontam Maluf e Mott. Segundo as autoras, "era muito recente a presença das moças das camadas médias e altas, as chamadas de 'boa família', que se aventuravam sozinhas pelas ruas da cidade para abastecer a casa ou para tudo o que se fizesse necessário"<sup>107</sup>, e faz com que a sociedade conservadora vigente fique agitada com os novos caminhos que estão sendo trilhados, já que era depreciativo uma mulher sair sozinha.

O Livro da Companhia que relata a emancipação de Dôra após a morte de Laurindo, quando a protagonista decide viver como uma andarilha junto a Companhia de Comédias e Burletas Brandini Filho, revela esses novos espaços ocupados e que não eram bem quistos pela sociedade na maioria das vezes, conforme exposto no romance,

Uma coisa chata em Fortaleza foi um boato que se espalhou, imagine, que eu era uma herdeira rica do interior, rompida com minha família e por isso entrara para o teatro. Me botavam como sendo dos Fulano do Crato, dos Beltrano de Sobral, e o jornal dos padres publicou um artigo lamentando a maléfica influência dos costumes modernos nas famílias cearenses, se acaso fosse verdade que uma senhorita da tradicional estirpe alencarina havia trocado o seu lar católico pelas luzes do “teatro ligeiro” – usando de uma metáfora caridosa. Se tal vocação fosse ao menos para a cena lírica, como sucedeu com a grande Bidu Sayão, sobrinha de um presidente! Mas aquelas Burletas e esquetes picantes, aquelas cançonetas licenciosas, etc. etc. etc...<sup>108</sup>.

A vida de Dôra será primeiramente como auxiliar do Seu Brandini, que era o dono da Companhia, copiando os textos de peças e posteriormente como atriz de mambembe, com as estradas e os mais diversos caminhos fazendo parte do seu ser a partir de então. Agora, ela sendo viúva e dona de si, decide ir embora da fazenda e deixar a vida conflituosa com Senhora, partindo para a cidade grande com a Companhia e animando-se com a liberdade, com a vida em anonimato, sem ser apenas a filha da dona da Soledade, passando a ser a atriz Nely Sorel, substituindo Cristina Le Blanc, atriz que deixou a Companhia.

<sup>106</sup>MALUF, Marina. MOTT, Maria Lúcia. Ibidem. p. 417.

<sup>107</sup>Idem. Ibidem. p. 368.

<sup>108</sup>QUEIROZ, Rachel de. Ibidem. p. 156.

A partir da morte de Laurindo, Dôra começa a quebrar algumas das regras impostas, principalmente no ser viúva. Diferente de Senhora que não usava “cores como vermelho, rosa ou amarelo, porque não eram cores de viúva”<sup>109</sup>, Dôra ao decidir viajar sozinha, tirou o luto e vestiu-se de azul e Senhora demonstrava preocupação com o que os demais da cidade poderiam dizer, pois mesmo sendo agora independente, a viúva deveria seguir alguns costumes para evitar julgamentos e pensamentos equivocados.

Dôra busca nessa nova vida, de cidade em cidade, reconstruir a sua identidade. Mesmo com tantos caminhos diferentes percorridos, durante a sua narrativa sempre há algo que a lembre dos anos conflituosos vividos ao lado de sua mãe. E é na Companhia que ela encontrará a felicidade após um casamento mal sucedido, além de amigos como Estrela, esposa de Seu Brandini e o próprio que representava a figura paterna que tanto lhe fez falta:

Você nem calcula como esse pessoal tem sido bom pra mim, é quase como uma família. Seu Brandini me vigia e me ajuda como um pai velho de comédia. Estrela - não sei se já viu, é aquela segurança. O povo fala mal de gente de teatro – mas são pessoas como todo o mundo, tenho conhecido gente outra muito pior...<sup>110</sup>.

Em uma de suas andanças, navegando no Rio São Francisco e de maneira inesperada, Dôra conhece o Comandante, chamado também de cabo Lucas e com nome de batismo de Asmodeu e, com o passar do tempo, percebe-se apaixonada por aquele homem “alto, bonito e antipático”<sup>111</sup>, “aquele homem, era só querer, podia me trazer fechada na palma da sua mão”<sup>112</sup>. Aquela mulher independente cede, então, lugar a uma mulher submissa após encontrar o seu primeiro amor.

\*\*\*

Já no nascimento, as diferenças biológicas entre homem e mulher são nítidas e cada indivíduo é representado por um sexo, levando o corpo a ter uma carga cultural muito forte. Passa-se a ser homem ou mulher, uma construção que ao longo da história serviu para gerar diferenças e hierarquias, sendo assim o gênero feminino tido como inferior e feito para obedecer.

Mulheres atuam no seu tempo. São socialmente existentes e englobam diferentes sujeitos do gênero feminino. Ao se falar em gênero, percebe-se que este termo atribui a

<sup>109</sup>QUEIROZ, Rachel de. Ibidem. p. 28.

<sup>110</sup>Idem. Ibidem. p. 227-228.

<sup>111</sup>Idem. Ibidem. p. 210.

<sup>112</sup>Idem. Ibidem. p. 222.

uma construção para a divisão dos papéis sociais, que leva ao patriarcado fazer também essa divisão de relações construídas socialmente entre homens e mulheres. De acordo com Saffioti, o patriarcado é um sistema de relações sociais que garante a subordinação da mulher ao homem, e que “não se resume a um sistema de dominação, modelado pela ideologia machista. Mais do que isto, ele é também um sistema de exploração”<sup>113</sup>.

Exploração esta muitas vezes na posse do corpo feminino, conforme é relatado no romance, quando Dôra explica como ela entendia o seu corpo antes do seu ingresso na Companhia,

[...] tinha o meu corpo como se fosse uma coisa alheia que eu guardasse depositada, e só podia dar ao legítimo dono, e depois de dar a esse dono era só dele, não adiantava eu querer ou não, porque o meu corpo eu não tinha o direito de governar, eu vivia dentro dele mas o corpo não era meu<sup>114</sup>.

A partir do momento em que a personagem começa a girar em torno do homem que ama, o Comandante será o seu novo chefe e controlará a sua vida. Percebe-se quando ela não poderá mais atuar na Companhia, pois a mulher dele não poderia rebolar “lá em cima no palco e tudo quanto é macho embaixo, de boca aberta”<sup>115</sup>, evidenciando que esse tipo de comportamento não era bem visto para uma mulher que aceitou casar-se novamente e com isso, tornar-se mais uma vez submissa a um marido.

Dôra que quando pequena sentiu vontade em estudar para ser atriz, (Senhora evidentemente não autorizou, pois não era profissão para moça de família), que sempre buscou pela sua liberdade e identidade, via-se mais uma vez presa nas convenções matrimoniais, mas dessa vez com um homem que amava. Os desejos pessoais fora do ambiente doméstico e com livre-arbítrio na tomada de suas decisões eram mais uma vez deixados de lado.

Convém ressaltar que Dôra nunca desenvolveu o papel de mãe, sendo que era um dos mais importantes e fundamentais que as mulheres deveriam desempenhar. Dôra perdeu o seu filho ainda nos meses iniciais da gravidez<sup>116</sup>. Interessante notar que a mulher sendo mãe terá grande importância, pois esta será a primeira formadora dos

<sup>113</sup>SAFFIOTI, Heleieth. *O Poder do Macho*. São Paulo: Editora Moderna, 1987, p. 50.

<sup>114</sup>QUEIROZ, Rachel de. *Ibidem*. p. 202.

<sup>115</sup>*Idem*. *Ibidem*. p. 283.

<sup>116</sup>As protagonistas dos romances de Rachel de Queiroz, em sua maioria, não desempenham o papel materno, perdendo seus filhos durante a gravidez ou pouco tempo após o nascimento. O mesmo aconteceu com Rachel e, escrever algo que aconteceu consigo mesma, talvez foi a forma encontrada por ela para diminuir a sua dor.

filhos, é ela que preparará os futuros homens e mulheres da futura sociedade, portanto, ressaltando os valores para cada sexo.

Nesse sentido esperava-se que as mulheres dominassem um pouco de diferentes assuntos: [...] as ciências naturais, a higiene, a física, a química, a astronomia, a matemática, a geografia, as artes, as indústrias, tudo, representa uma necessidade real! A mestra deve ser a Mãe, e é preciso que a mulher tenha uma soma grande de conhecimentos, para não perder uma interrogação do filho<sup>117</sup>.

Assim, é reforçado o estereótipo de que toda mulher tem por natureza vocação para ser mãe. E era preciso conscientizar a mulher moderna, que começa a interessar-se pela vida fora do lar, de que ela não poderia ir em contra a sua essência natural, tido como algo biológico. Contudo, cada vez mais mulheres rejeitavam o título de “Rainha do Lar”. No romance vemos essas mulheres na figura das atrizes da Companhia e até mesmo em Dôra durante certo período, antes de conhecer o Comandante e tornar-se submissa mais uma vez.

Com a morte de Senhora, Dôra torna-se a nova Senhora da fazenda Soledade. Ao retornar ao sertão, agora já sem a sua primeira dominadora, irá reproduzir aquele mesmo estilo patriarcal da sua mãe, preocupada com futuras comparações, mas sempre, como a mesma diz, “procurava a todo instante lembrar de como Senhora fazia; e tudo se repetia agora como no tempo dela, porque mesmo que eu quisesse não sabia fazer nada diferente, e então era a lei dela que continuava nos governando”<sup>118</sup>. Ao voltar pela segunda vez, agora sem o Comandante, Dôra com poder, posses e independência, busca novos horizontes, sempre com a dor ao seu lado.

---

<sup>117</sup>MALUF, Marina. MOTT, Maria Lúcia. Ibidem. p. 405-406.

<sup>118</sup>QUEIROZ, Rachel de. Ibidem. p. 413.

## CAPÍTULO III

### VISÕES DO MASCULINO

#### 3.1 O HOMEM COMO FIGURA DOMINADORA

As disparidades vivenciadas pelas mulheres remetem aos privilégios que o sexo masculino recebe. Podem-se interligar as relações entre homens e mulheres com a falsa natureza de superioridade masculina, justificando assim a dominação em modos privados e públicos, conferindo poderes materiais e simbólicos aos homens. Segundo Bourdieu “a força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção: a visão androcêntrica impõe-se como neutra e não tem necessidade de se anunciar em discursos que visem a legitimá-la”<sup>119</sup>.

Uma das formas de dominação e também de discriminação é a especificidade de trabalhos através da distinção dos sexos, conforme aponta Bourdieu quando diz que,

a diferença biológica entre os sexos, isto é, entre o corpo masculino e o corpo feminino, e, especificamente, a diferença anatômica entre os órgãos sexuais, podem assim ser vista como justificativa natural da diferença socialmente construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão do trabalho<sup>120</sup>.

O autor também norteia sobre a violência simbólica, que se reafirma à medida que são reproduzidos conceitos equivocados de superioridade masculina nos mais diversos âmbitos da sociedade, de modo que em determinados momentos os sujeitos tanto masculino quanto feminino nem percebem que estão reproduzindo esse modelo de dominação, devido a naturalização dos costumes, ou como denomina Bourdieu, *habitus*<sup>121</sup>. O homem como dono do poder ainda é tido como irreversível e faz com que, em algumas ocasiões, as mulheres ainda continuem sendo meros objetos pertencente a figura masculina.

O controle e a opressão são manifestações ligadas ao poder, que segundo Foucault,

[...] o poder não é algo que se adquire, arrebate ou compartilhe, algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de números pontos e em meio a relações desiguais e móveis; que as relações de poder não se

<sup>119</sup>BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução Maria Helena Kühner. 5ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 18.

<sup>120</sup>Idem. *Ibidem*. p. 20.

<sup>121</sup>Conceito fundamental de Bourdieu, *habitus*, é um sistema de arranjos que denomina o modo de ser. São estruturas já feitas que provocam outras estruturas, formando assim a prática e as representações do sujeito.

encontram em posição de exterioridade com respeito a outros tipos de relações (processos econômicos, relações de conhecimentos, relações sexuais), mas lhe são imanentes; são os efeitos imediato das partilhas, desigualdades e desequilíbrio que se produzem nas mesmas e, reciprocamente, são as condições internas destas diferenciações<sup>122</sup>.

Dessa forma, as relações de gênero e poder estão interligadas e são mantidas de formas desiguais elevando o homem e subjugando a mulher. Scott define gênero como sendo “um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos [...] é uma forma primária de dar significado às relações de poder”<sup>123</sup>. Logo, percebe-se que a construção dos papéis culmina com a distinção dos sexos e resulta nas relações de gênero e poder.

As relações de gênero e poder são construções sociais, variando dentro da própria sociedade. Nogueira aponta que

a ideologia dominante, por meio de seu discurso construído, partilhado e difundido tanto em nível disciplinar como político, consegue manter uma ordem social que perpetua as desigualdades e o sexismo. Assim, é importante considerar a linguagem desse discurso como elemento fundamental da construção da subjetividade masculina e da feminina, e da manutenção das relações sociais e de poder, para que se possa teorizar a respeito da construção social do gênero<sup>124</sup>.

### 3.1.1 LAURINDO: O PRIMEIRO MARIDO E A DOR

No livro de Senhora é apresentado ao leitor o personagem Laurindo, primo dos integrantes da família e que se torna agrimensor da Fazenda Soledade após resolver alguns problemas com as divisas da mesma. Já nas primeiras impressões é nítido o interesse de Laurindo por Senhora, contudo é importante lembrar que Senhora não desejava ter outro marido “depois de conhecer a sua força de viúva”<sup>125</sup> e Laurindo então começa a inclinar-se para o lado de Dôra.

Laurindo tinha 45 anos e Dôra 22. É a partir da diferença de idades que começa a surgir rumores que o personagem estava afeiçoado por Senhora. E não só por isso:

---

<sup>122</sup>FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade*. Volume 1: A vontade de saber. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 13ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 1999. p. 89.

<sup>123</sup>SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade: Porto Alegre, 1990. p. 86.

<sup>124</sup>NOGUEIRA, Conceição. Um novo olhar sobre as relações sociais de gênero: feminismo e perspectivas críticas na psicologia social apud PRAUN, Andrea Gonçalves. *Sexualidade, Gênero e suas Relações de Poder*. Revista Húmus. Nº 1. Jan/Fev/Mar/Abr 2011.

<sup>125</sup>QUEIROZ, Rachel de. *Ibidem*. p. 41.



Senhora também ainda conservava beleza e atributos. Começa então os boatos nas redondezas que Laurindo casou-se com Dôra por questão financeira, uma vez que seria ela a única herdeira da Soledade e, sendo assim, ele herdaria tudo também, visto que o que pertencia a mulher era do marido também. Pode-se entender o relato no trecho do romance que segue:

- Mas qual foi a história, Xavinha? Era comigo?

Aos poucos, com muitas mordidas de beijo e palavras sussurradas, o caso foi saindo. Não vê, ela encontrou D. Dagmar na farmácia - encontrou, não, a mulher tinha que estar lá, já que a farmácia é dela, o marido vive na rua, não quer saber de balcão:

- Quando eu pedi um vidro de Elixir Paregórico ela perguntou logo se era para a noivinha - se a noivinha - já estava com os seus antojos...

Já daí Xavinha não gostou, andarem especulando as coisas da fazenda, de gente especula ela tem ódio; e assim foi respondendo séria que na Soledade por enquanto ainda não se fala em menino novo. E então D. Dagmar disse que na rua foi a maior admiração com o resultado do casamento, tinha gente nas Aroeiras que até fez aposta como casava a velha e não a moça. Seu Carmélio de Paula foi um. Mas o tabelião, aquele Esmerino, tinha dito ali mesmo no balcão da farmácia que cobria qualquer aposta: Laurindo casava era com a moça:

- Não vê que casando com a viúva ele só pega metade da meação dela, porque a outra metade é a herança da filha? Mas casando com a moça leva logo a legítima do pai e depois vem a herança da mãe, direta, sem repartimento...

E seu Carmélio disse que podia ser, de herança ele não entendia, mas entendia de gente, e duvidava muito que de qualquer jeito o agrimensor botasse, a mão num vintém de nada, a não ser por morte da velha...<sup>126</sup>.

Segundo Dôra, o seu marido “vivia quase sempre fora de casa, a serviço”<sup>127</sup>. O marido deveria ser o provedor, abastar a casa com alimentos e dinheiro, não deixando faltar nada a sua esposa, mantendo dessa forma a mulher dependente financeiramente, coisa que Laurindo não fazia, pois “a vida de agrimensor é incerta, só se ganha quando chamado”<sup>128</sup>, além de não dar dinheiro a Dôra, muito menos ajudava nas despesas da casa.

Não era um problema Laurindo não ajudar nos gastos domésticos, visto que o costume da época era homem da casa não deveria ser aborrecido e era dever da esposa manter o lar agradável ao marido. Conforme Maluf e Mott, “o marido não deveria, portanto, ser incomodado com pedidos de ajuda. O dever da esposa, era ao contrário, aliviá-lo de qualquer contrariedade e esforço: ‘Pois não trabalhou ele o dia inteiro para

<sup>126</sup>QUEIROZ, Rachel de. Ibidem. p. 43-44.

<sup>127</sup>Idem. Ibidem. p. 226.

<sup>128</sup>Idem. Ibidem. p. 85.

ganhar o pão cotidiano da família?”<sup>129</sup>. Laurindo era uma figura subalterna, também reprimido por Senhora, que só trabalhava quando era chamado, logo não teria tantos provimentos para bancar os custos da Fazenda. Ele era apenas mais um na rede de dominação da dona da Soledade

Existia a hierarquia que garantia a ordem familiar. Ao marido destinava-se os papéis de superioridade, tais como de prover e proteger a esposa, com local definido na sociedade. As atividades laborais conferiam ao marido poder e aqueles que por algum motivo estivessem impossibilitados de manter sozinho a família de forma satisfatória, “cometiam suicídio, justificando o ato pela derrota moral de não cumprir o seu dever”<sup>130</sup>. Os papéis estavam bem definidos e era tido como desonra um homem não custear os provimentos de sua família.

Mesmo Dôra nunca sonhando com casamento, casou-se sem amor, para manter os interesses da família. Maluf e Mott apontam que,

as conveniências econômicas e os interesses de classe moveram a linha de parentela para relacionamentos mais horizontais, uma vez que a riqueza tornou-se um critério de status muito mais importante. Os vínculos matrimoniais eram garantia de controle sobre o poder, da mesma forma que funcionavam como proteção contra as frequentes ameaças de desastres econômicos<sup>131</sup>.

Assim, Laurindo tendo uma profissão e sendo parente, torna-se um bom partido para a herdeira da Soledade que já estava passando da época de casar. O casamento entre os dois foi mais uma convenção para a sociedade vigente. Não havia amor de um para com o outro e como a protagonista disse a vida dos dois não foi “uma vida igual à dos outros casais na sua casa. Começava por aquela não ser a nossa casa, e se poderia dizer que nós éramos mais como um casal de meninos, brincando emprestado de marido e mulher”<sup>132</sup>.

O casamento durou três anos, dois meses e dezessete dias e Laurindo era tido com respeito que o filho da casa merecia. Sendo o único homem da Soledade tinha direito a tudo. Como dito no capítulo anterior, Laurindo trai Dôra com Senhora, que ao descobrir fica desolada, pois acreditava que Laurindo era a única coisa que ela tinha e sua mãe não, visto que sentia-se como uma estrangeira em sua própria casa. Dôra revestida de dor e, até mesmo, com consciência de suas palavras, sugere que seria

<sup>129</sup>MALUF, Marina. MOTT, Maria Lúcia. Ibidem. p. 420.

<sup>130</sup>Idem. Ibidem. p. 381.

<sup>131</sup>Idem. Ibidem. p. 390-391.

<sup>132</sup>QUEIROZ, Rachel de. Ibidem. p.85.

melhor a morte para viver sem a dor. Após dizer a Delmiro - o jagunço que vivia sob sua proteção - “jeito, só a morte”<sup>133</sup>, Laurindo sofre um acidente com a espingarda, levando Dôra a sua tão sonhada liberdade. No romance é colocado o momento como acidente, porém é importante ressaltar da promessa feita por Delmiro ao chegar na Soledade: pegaria novamente em uma arma por ordem de Dôra e apenas para protegê-la. Ao dizer “jeito, só a morte”, Delmiro entende como uma ordem da protagonista e fica implícito que foi ele o assassino de Laurindo.

O luto de Dôra é marcado mais pela dor da traição do que pela perda do marido. Usou cores de viúva somente no velório, depois escolher vestir-se de azul, demonstrando que ele não tinha mais importância. Era hora de nascer uma nova mulher, forte e de resistência. Sobre o luto, Dôra diz que “era o meu documento de viuvez [...] O luto, ali, ainda era o passaporte da viúva; me garantia o direito de viver sozinha sem ninguém me perturbar em nada, de mandar e desmandar [...]”<sup>134</sup>.

### 3.1.2 COMANDANTE: O AMOR VERDADEIRO E MAIS UMA DOR

Asmodeu é a última figura que representa a dominação de Dôra. O primeiro encontro acontece no navio no qual ele era Comandante, que transportava as pessoas de uma margem à outra. Temporalmente, nesse momento do romance Rachel de Queiroz coloca em questão a dificuldade de locomoção aérea durante a Segunda Guerra Mundial e por esse motivo a Companhia passou a viajar de navios.

O significado do nome de batismo do Comandante manifesta o seu temperamento, e ele mesmo quando indagado se o seu nome era Amadeu sentia-se desconfortável, fazendo perceber que não gostava dessa confusão. E sobre o significado de um nome tão singular, explica:

- Justamente, é um demônio.

E recitou:

- ASMÓDEU, entidade diabólica que figura no livro de Tobias como sendo o demônio dos prazeres impuros... Também tem sido chamado „o diabo coxo”. Levanta os telhados das casas e descobre os segredos dos seus habitantes<sup>135</sup>.

Interessante analisar esse jogo com o nome do personagem em questão. O nome de batismo remetia a um diabo, revelando uma de suas características: o gênio forte. Era

<sup>133</sup>QUEIROZ, Rachel de. Ibidem. p. 93.

<sup>134</sup>Idem. Ibidem. p. 409.

<sup>135</sup>Idem. Ibidem. p. 231.

chamado de Comandante, porque além de ser de fato comandante de um navio, esse nome é uma clara metáfora do que ele representará na vida de Dôra. Ele a comandará após o início do relacionamento até sua morte e a vida da protagonista girará em torno dele. Adota o nome de cadete Lucas no Rio de Janeiro, devido a ser contrabandista e precisar de um nome diferente para fazer negócios. Percebe-se que são três nomes distintos, cada um sendo utilizado conforme a ocasião.

Dôra não era mais uma garota ingênua, chegando ao ponto de receber homens em seu camarim, mas sempre se desviando dos assédios. Fazia isso, pois sabia que o Comandante sentia ciúmes e ela gostava desse sentimento por parte do homem que amava. Percebe-se que diferente de Laurindo, Asmodeu sempre se colocava para custear Dôra, mesmo ainda não estando casados, quando em apenas para um convite para jantar lhe diz: “você é a minha mulher, eu tenho o direito de lhe sustentar”<sup>136</sup>.

A Dôra independente e livre cede lugar novamente a Dôra submissa, dessa vez não a figura materna, mas sim de um homem. O Comandante ama Dôra, mas não existe uma cumplicidade entre o casal, uma vez que Dôra abandona tudo – a companhia e a sua liberdade – para viver esse amor, enquanto ele continua com a sua vida, tornando-se o dominador da protagonista. E ao que parece, Dôra sentia-se confortável com essa nova situação que começava a vivenciar, dispendo-se até em realizar atividades que confirmem sua condição de submissa:

Meu Deus, e se eu pudesse, eu é que dava dinheiro a ele, cozinhava, lavava e passava pra ele, lhe engraxava os sapatos, fazia as coisas mais humildes que eu nunca tinha feito na vida, nem pra mim mesma! E me ri – se Xavinha escutasse – eu, que na Soledade tinha uma cunhã até para me lavar o cabelo!<sup>137</sup>

Asmodeu vai revelando-se como um marido ciumento e possessivo. Tem como exemplo o Código Civil de 1916, que confessava a inferioridade da mulher casada ao marido e buscava mostrar como cada cônjuge deveria portar-se para garantir a ordem do núcleo familiar. Colocava a esposa como dependente ao homem, o que mostrava uma certa desumanização da mulher, onde os poderes masculinos iam além, uma vez que o uso da violência “legítima” era permitida. O homem ao ser desobedecido sentia-se na obrigação de castigar a sua mulher, seria uma espécie de “costume” naquele período<sup>138</sup>.

---

<sup>136</sup>QUEIROZ, Rachel de. *Ibidem*. p. 257.

<sup>137</sup>Idem. *Ibidem*. p. 257-258.

<sup>138</sup>MALUF, Marina. MOTT, Maria Lúcia. *Ibidem*. p. 377-379.

A violência doméstica é retratada em determinados momentos do Livro do Comandante. Em um desses jogos de ciúmes, Dôra dança com outro homem, atitude desaprovada por Asmodeu, chegando a agredir sua companheira:

Quando chegamos em casa, quase de manhã, e eu já tirava a minha roupa, ele parece que de repente se lembrou da cena. Porque me arrancou o vestido da cabeça e me deu um tapa tão forte na face que deixou marca dos seus quatro dedos:

- Isso é pra você se lembrar de nunca mais na vida sair dançando com outro homem. A sorte de vocês foi eu estar desarmado – não deixarem entrar revólver naquela espelunca!<sup>139</sup>

Justifica-se a agressão pelo fato de Asmodeu ser o homem e o novo provedor de Dôra. Sobre a mulher caía a responsabilidade de manter a compostura desejada. Era dada razão à medicina social que atribuía características como sagacidade, sexualidade afluída, robustez, em contrapartida das mencionadas para as mulheres. Lombroso era defensor dessa teoria que servia para explicar tantos os crimes passionais quanto à violência que as mulheres sofriam<sup>140</sup>.

O uso da força em muitos casos era realizado para a não realização de desejos próprios, uma forma rígida de manter o controle. Saffioti define como sendo “a ruptura de qualquer forma de integridade da vítima, seja de forma física, psíquica, sexual ou moral”<sup>141</sup>. Dessa forma, percebe-se que com a socialização e inter-relação entre gêneros desenvolvem-se as relações de violência.

O Comandante era contrabandista, chegando a ficar durante um tempo preso. Dôra está tão mergulhada na submissão que mesmo preocupada com o fato não demonstra a Asmodeu que se importava quando este sai da prisão, pois poderia incomodá-lo e não queria isso. O Comandante passa a ser a direção de Dôra, foi ele quem deu direção quando ela ainda sentia-se amargurada pelo que aconteceu na Fazenda Soledade, uma clara metáfora que uma mulher só poderia seguir com a vida se estivesse ao lado de um homem, não importando a sua atividade.

A relação de dominação também se dispõe através dos atos sexuais, nos quais as mulheres não deveriam possuir liberdades e ensejos, fora que as relações sexuais entre marido e esposa deveriam ser decentes e dentro do lar. É imposta também a virilidade masculina que segundo Bourdieu “é uma noção eminentemente relacional, construída

<sup>139</sup>QUEIROZ, Rachel de. *Ibidem*. p. 301-302.

<sup>140</sup>SOIHET, Rachel. *Ibidem*. p. 363.

<sup>141</sup>SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 17.

diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo.”<sup>142</sup>. Percebe-se então que o homem também é submisso, porém a si mesmo. Há sempre que mostrar-se viril, precisam ter atitudes distintas das mulheres para reafirmarem sua sexualidade e honra até mesmo para outros homens.

A sociedade observada através da dualidade entre masculino e feminino, leva a Bourdieu pensar que o poder masculino isenta-se de explicações, apontando que a própria sociedade oferece condições para que a dominação masculina persista. Segundo o autor,

A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas [...] que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas imanentes a todos os habitus: moldados por tais condições [...] elas funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais e históricos<sup>143</sup>.

Assim, o masculino como figura dominante nas relações passa a ser tido como natural. A identidade do homem será distinguida pela força e virilidade, contribuindo assim para a divisão entre gêneros. Com o patriarcado, o homem passa a ser o referencial da sexualidade, da robustez, cabendo às mulheres de apaziguarem a “sensualidade do casal”<sup>144</sup>, pois ela deveria colocar o respeito à frente do prazer. A noite de núpcias, por exemplo, vai ser um episódio que marcará essa dualidade, tendo de um lado a ingenuidade da mulher virgem, que cria até mesmo fobia daquele momento e, do outro, o homem com sua virilidade que poderia cometer até mesmo uma “violação legal”<sup>145</sup> da sua companheira.

Com a morte do Comandante, que contraiu tifo e não sobreviveu, Dôra mais uma vez tem a dor ao seu lado. A dominação masculina é rompida novamente, dessa vez sem a sombra da dominação imposta por Senhora e a protagonista torna-se independente novamente. Retornando ao seu lugar de origem, só consegue sentir-se sozinha,

E passados os dias piores do choque, eu olhava tudo em meu redor como casas e gente de uma cidade estrangeira, e ouvia a língua do povo como uma

---

<sup>142</sup>BOURDIEU, Pierre. Ibidem. p. 67.

<sup>143</sup>Idem. Ibidem. p. 45.

<sup>144</sup>MALUF, Marina. MOTT, Maria Lúcia. Ibidem. p. 392.

<sup>145</sup>Idem. Ibidem.

língua estrangeira, e o meu instinto só me pedia para ir embora, voltar para longe, onde a dor que me podia doer era uma dor que eu conhecia, não aquela dor que para mim só tinha sido dele, só dele e nada mais.  
Nenhuma hora do Rio tinha eu vivido sem ele [...]<sup>146</sup>

Percebe-se que Dôra demonstra despreparo em ser um sujeito independente novamente, livre das amarras da dominação do seu falecido marido. O poder exercido pelo Comandante foi forte, que conforme Bourdieu é “esse poder invisível o qual só pode ser exercido com cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo o exercem”<sup>147</sup>. A morte do dominador também é a morte da felicidade futura de Dôra.

---

<sup>146</sup>QUEIROZ, Rachel de. Ibidem. p. 406.

<sup>147</sup>BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. IN: *Sobre o poder simbólico*. Tradução Fernando Tomaz. 4ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 7-8.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o estudo do romance, percebe-se que Rachel desloca a mulher para outro contexto além do familiar chefiado por um homem. A escritora apresenta suas personagens com desejos pessoais fora do ambiente doméstico, buscando livre-arbítrio no que diz respeito às suas próprias vidas. Rachel com sua literatura regional enfoca os choques que as mulheres encontram ao construir ideologias contrárias àquelas em que as colocam concentradas apenas nos afazeres de casa contra as que buscam as suas identidades e repostas sobre suas existências.

Esse choque é demonstrado em *Dôra, Doralina*. A protagonista, cansada de ser um ser oprimido pelas características do sistema no qual estava inserida, engaja-se para a sua transformação. Dôra representa a busca, deslocando-se para conseguir seu objetivo. O deslocamento, seja físico ou emocional, é uma das características das personagens de Rachel. Essa dualidade talvez seja também uma característica da escritora. Tem-se, por exemplo, a dualidade da vida pública de Rachel de Queiroz nítida pelas posições ideológicas que toma para si, quando após a Semana de Arte Moderna milita pelo Partido Comunista na década de 1930 e anos mais tarde, a mesma começa a se simpatizar pelo golpe civil-militar de 1964.

Mesmo com o chamado poder patriarcal estremecido, ainda existe a hierarquia entre homens e mulheres. Essa situação deve-se muito ao sistema econômico capitalista, que é carregado pela ideologia patriarcal, que reforça a opressão às mulheres apropriando-se de sua mão-de-obra mais baixa geralmente. Conforme Silveira e Costa “a desconstrução da dicotomia público/privado que relega a mulher ao espaço do lar e dificulta sua atuação como sujeito no mundo político e do trabalho, é fator primordial para o empoderamento e autonomia do sexo feminino”<sup>148</sup>.

Antônio Carlos Lima da Conceição destaca as teorias do patriarcado, que explicam a dominação masculina em função da própria sexualidade e da reprodução. Vale mencionar que mesmo com a maioria das sociedades históricas o patriarcado se sobressai, as mulheres em algum momento detêm um pouco de poder. Ainda segundo o autor,

---

<sup>148</sup>SILVEIRA. Clara Maria Holanda Silveira, COSTA Renata Gomes da. *Patriarcado e capitalismo: binômio dominação-exploração nas relações de gênero*, p. 1. Disponível em <[https://strabalhoegenero.cienciassociais.ufg.br/up/245/o/PATRIARCADO\\_E\\_CAPITALISMO\\_BIN%3%94MIO\\_DOMINA%C3%87%C3%83O-EXPLORA%C3%87%C3%83O.pdf](https://strabalhoegenero.cienciassociais.ufg.br/up/245/o/PATRIARCADO_E_CAPITALISMO_BIN%3%94MIO_DOMINA%C3%87%C3%83O-EXPLORA%C3%87%C3%83O.pdf)>. Acesso em 20 out. 2016.



“as mulheres não sobrevivem graças exclusivamente aos poderes reconhecidamente femininos, mas á luta que trava com os homens. Neste sentido as relações sociais de sexo ou as relações de gênero travam-se no terreno do poder. Aqui tem lugar a dominação e a exploração como sendo faces de um mesmo fenômeno. É impossível pensar essa relação sem pensar relações de poder”<sup>149</sup>.

Rachel contribuiu com seus romances para fomentar debates acerca das conjunturas sociais vigentes. Em *Dôra*, Doralina o casamento será um dos principais pontos a gerar indagações. Vale a pena digerir todas essas convenções? Volta e meia a protagonista refletia sobre as consequências de um casamento sem amor, principalmente no que tange a sua liberdade. Contudo, como foi exposto, a morte não perdoou seu cônjuge, dando a Dôra a sua tão sonhada independência. E é nesse momento que se torna uma andarilha e conquista uma nova identidade, construída ao longo dos seus caminhos percorridos.

Por fim, observa-se que Dôra representa o retorno. Retorna à Soledade sem sua primeira dominadora, volta para ser Senhora, a mesma Senhora que já tinha existido naquelas terras, buscando recordações das ações da mãe, pois não seria diferente, visto que a forma de agir continuaria a governar naquelas terras, mantendo o pulso firme e reproduzindo o estilo patriarcal. Ter essas mulheres em questão revela a dimensão do ser mulher e a construção das mesmas, mudando a ordem e adotando para si uma atitude patriarcal. Raquel não rompe com a dominação masculina, ela utiliza essa dominação em benefício à sua protagonista, contribuindo para a sua própria emancipação.

---

<sup>149</sup>CONCEIÇÃO. Antônio Carlos Lima da. *Teorias feministas: da “questão da mulher” ao enfoque de gênero*. Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 8, n° 24, dez 2009. p. 745

## REFERÊNCIAS

### Obras da autora:

QUEIROZ, Rachel de. *Dôra, Doralina*. 20ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

\_\_\_\_\_. QUEIROZ, Maria Luíza de. *Tantos Anos*. São Paulo, Siciliano, 1998.

### Entrevistas concedidas pela autora:

ENTREVISTA AO PROGRAMA RODA VIVA. 01 de julho de 1991. Disponível em <[http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/407/entrevistados/rachel\\_de\\_queiroz\\_1991.htm](http://www.rodaviva.fapesp.br/materia/407/entrevistados/rachel_de_queiroz_1991.htm)>. Acesso em 15 jun. 2016.

FOLHA DE SÃO PAULO. Entrevista concedida à Folha em 1998. (Re) Publicada em 04 de novembro de 2003, data do falecimento de Rachel de Queiroz na Folha Online-Iustrada.

Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u38515.shtml>>. Acesso em 12 jun. 2016.

### Bibliografia:

ABRANTES, Elizabeth Sousa. De Normalistas a Doutoradas: a trajetória feminina de acesso ao ensino superior no Maranhão Republicano. IN: BARROS, Antonio Evaldo Almeida; NERIS, Cidinalva Silva Camara; JÚNIOR, Reinaldo dos Santos Barroso; SALES, Tatiane da Silva; BARBOSA, Viviane de Oliveira; NERIS, Wheriston Silva (Orgs.) *Histórias do Maranhão em Tempos de República*. São Luís: EDUFMA, Jundiaí, Paço Editorial, 2015.

AGUIAR, Neuma. *Patriarcado, sociedade e patrimonialismo*. Sociedade e Estado. Revista do Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília, vol.15 n. 2. Brasília, jun. – dec. 2000.

ALENCAR, José de. *Senhora*. 34ª edição. São Paulo: Editora Ática, 2000.

ARNS, Dom Paulo Evaristo. *Brasil: nunca mais*. Petrópolis: Vozes, 2001.

AZEVEDO, Gislane Campos. SERIACOPI, Reinaldo. *História*. São Paulo: Ática, 2005.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2013.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Tradução Maria Helena Kühner. 5ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

\_\_\_\_\_. O poder simbólico. IN: *Sobre o poder simbólico*. Tradução Fernando Tomaz. 4ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CEREJA, William Roberto. MAGALHÃES, Tereza Cochar. *Português: Linguagens*. Volume Único. São Paulo: Atual Editora, 2008.

CONCEIÇÃO, Antônio Carlos Lima da. *Teorias feministas: da “questão da mulher” ao enfoque de gênero*. Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 8, nº 24, dez 2009.

D'ÁRAÚJO, Maria Celina. Geisel e Figueiredo e o fim do regime militar. In: *Seminário 40 anos do golpe de 1964*. Rio de Janeiro: 7 letras, 2004.

DEL PRIORE, Mary (org.). Carla Bassanezi (coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. 2ª edição. São Paulo: Contexto/ Edunesp, 1997.

FANINI, Michele Asmar. *As Mulheres e a Academia Brasileira de Letras*. Revista de História da Unesp. vol. 29 n.1, Franca - São Paulo, 2010.

FERREIRA, Carlos. Imprensa Homossexual: surge o Lampião da Esquina. Revista Altejor, vol. 1 n. 1, São Paulo, 2010.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Editora Loyola, 2010.

\_\_\_\_\_. *História da Sexualidade*. Volume 1: A vontade de saber. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. 13ª edição. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

GASPARI, Elio. *A ditadura derrotada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

GROPPO, Bruno. Amnésia, repressões, mitos: como se conta o passado após uma Ditadura. IN 1964: 50 anos depois: a ditadura em debate. Grimaldo Carneiro Zachariadhes (Org.) Editora Edise: Aracaju, 2015.

HANNER, June E. A Mulher Brasileira e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937 apud KARAWEJCZYK, Mônica. *Mulheres, Modernidade e Sufrágio: uma aproximação possível*. Fênix - Revista de História e Estudos Culturais. Vol. 4, Ano IV, nº 4. Out/Nov/Dez de 2007.

JÚNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. *A Invenção do Nordeste e outras artes*. 5ª edição. São Paulo: Cortez, 2011.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, Enxada e Voto*. São Paulo: Alfa Ômega, 1976.

MACARINI, José Pedro. *A política econômica do governo Médici: 1970-1973*. Nova econ. vol.15 n.3 Belo Horizonte Set./Dec. 2005.

MALUF, Marina. MOTT, Maria Lúcia. Recônditos do Mundo Feminino. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MARTINS, Wilson. Rachel de Queiroz em perspectiva. apud SOUZA, Patrícia Alcântara de. *MARIAS DE RACHEL DE QUEIROZ: percursos femininos em O Quinze, As Três Marias e Dôra, Doralina*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFG – Mestrado. Goiânia, 2008.

NOGUEIRA, Conceição. Um novo olhar sobre as relações sociais de gênero: feminismo e perspectivas críticas na psicologia social apud PRAUN, Andrea

Gonçalves. *Sexualidade, Gênero e suas Relações de Poder*. Revista Húmus. Nº 1. Jan/Fev/Mar/Abr 2011.

OLIVEIRA, Maria Eveuma de. FREIRE, Manoel. CHAVES, Sérgio Wellington Freire. *Rachel de Queiroz: Uma mulher à frente do seu tempo*. Pontos de Interrogação. Revista do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural. Universidade do Estado da Bahia, Campus II — Alagoinhas. Vol. 2, n. 1, jan./jun. 2012.

OLIVEIRA, Rejane Pivetta de. *Literatura marginal: questionamentos à teoria literária*. Ipotesi, Juiz de Fora, v. 15, n. 2 - Especial, jul./dez. 2011.

PEDRO, Antonio. LIMA, Lizânias de Souza. CARVALHO, Yone de. *História do Mundo Ocidental*. São Paulo: FTD, 2005.

RESENDE, Pâmela de Almeida. *Da Abertura Lenta, Gradual e Segura à Anistia Ampla, Geral e Irrestrita: A Lógica do Dissenso na Transição para a Democracia*. Revista Sul-Americana de Ciência Política, vol. 2, n. 2, 36-46.

RIDENTI, Marcelo. Cultura e política: os anos de 1960-1970 e sua herança In: DELGADO, Lucilia de Almeida Neves, FERREIRA, Jorge. *O Brasil republicano: o tempo da ditadura – regime militar e movimentos sociais do século XX*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SAFFIOTI, Heleieth. *O Poder do Macho*. São Paulo: Editora Moderna, 1987.

\_\_\_\_\_. *Gênero, patriarcado, violência*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SANTOS, Zeloí Aparecida Martins dos. *História e literatura: uma relação possível*. Revista Científica – FAP – jan a dez de 2007.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade: Porto Alegre, 1990.

SILVA, Tânia Maria Gomes da. *Trajetória da Historiografia das Mulheres no Brasil*. Politeia: Hist. e Soc. Vitória da Conquista, v. 8, n.1, 2008.

SOIHET, Rachel. Mulheres Pobres e Violência no Brasil Urbano. IN: DEL PRIORE, Mary (org.); Carla Bassanezi (coord. de textos). *História das mulheres no Brasil*. 2ª edição. São Paulo: Contexto/ Edunesp, 1997.

SOUZA, Patrícia Alcântara de. *MARIAS DE RACHEL DE QUEIROZ: percursos femininos em O Quinze, As Três Marias e Dôra, Doralina*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da UFG – Mestrado. Goiânia, 2008.

SPINDEL, Arnaldo. *O que são ditaduras?* São Paulo: Abril Cultural: Brasiliense, 1985.

TIBLE, Jean. *Lutas operárias em São Paulo e no ABC nos anos 70*. Lugar Comum. n. 25-26.

VALENTE, Silva Maria Pazello. *O movimento anarquista no Brasil*. Revista Semina: Ciências Sociais e Humanas. vol. 15, n. 3, set. 1994.

#### **Sites da Internet:**

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Bibliografia de Rachel de Queiroz*. Disponível em <<http://academia.org.br/academicos/rachel-de-queiroz/bibliografia>>. Acesso em 25 out. 2016.

\_\_\_\_\_. *Biografia de Rachel de Queiroz*. Disponível em <<http://academia.org.br/academicos/rachel-de-queiroz/biografia>>. Acesso em 11 jun. 2016.

ACERVO DA DITADURA – RS. *ATO Nº 1, Suspende Direitos Políticos*. Disponível em <[http://www.acervoditadura.rs.gov.br/legislacao\\_10.htm](http://www.acervoditadura.rs.gov.br/legislacao_10.htm)>. Acesso em 21 jun. 2016.

ACERVO O GLOBO. Jânio Quadros quis ‘varrer’ do país brigas de galos, corridas de cavalo e biquínis. Disponível em <<http://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/janio->

[quadros-quis-varrer-do-pais-brigas-de-galo-corridas-de-cavalo-biquinis-19326640](#)>.

Acessos em 20 jun. 2016.

\_\_\_\_\_. *Opep mergulha o mundo na crise do petróleo nos anos 70, causando recessão*. Disponível em <<http://acervo.oglobo.globo.com/fatos-historicos/opep-mergulha-mundo-na-crise-do-petroleo-nos-anos-70-causando-recessao-10230571>>.

Acesso em 21 jun. 2016.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO CEARÁ. Projeto de Lei nº 153/09 que institui 2010 como o ano Rachel de Queiroz, em homenagem ao centenário de seu nascimento.

Disponível em <[http://www.al.ce.gov.br/legislativo/tramit2009/pl153\\_09.htm](http://www.al.ce.gov.br/legislativo/tramit2009/pl153_09.htm)>. Acesso em 15 jun. 2016.

ATO INSTITUCIONAL Nº 1, DE 9 DE ABRIL DE 1964. Disponível em <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/AIT/ait-01-64.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/AIT/ait-01-64.htm)>. Acesso em 21 jun. 2016.

AZEVEDO, Alexander Willian. *Religiosidade no Nordeste Brasileiro na Era do Cangaço: prospecção de parâmetros de estudos a partir da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)*. V Colóquio de História. Perspectivas Históricas: historiografia, pesquisa e patrimônio. Novembro de 2011. p. 1142. Disponível em <<http://www.unicap.br/coloquiodehistoria/wp-content/uploads/2013/11/5Col-p.1141-1152.pdf>>. Acesso em 28 ago. 2016.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Há 50 anos a renúncia de um presidente marcou a história republicana do país*.

Disponível em <<http://www2.camara.leg.br/comunicacao/institucional/noticias-institucionais/ha-50-anos-a-renuncia-de-um-presidente-marcou-a-historia-republicana-do-pais>>. Acesso em 20 jun. 2016

CARVALHO, Stephanie. ROCHA, Luana Paula. SILVA, Jéssica Natalia. TOSO, Sthefany. *A censura às músicas de Chico Buarque na ditadura (1964-1985)*. Observatório da Imprensa. Edição n. 849 de 05/05/2015. Disponível em

<<http://observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/a-censura-as-musicas-de-chico-buarque-na-ditadura-1964-1985/>>. Acesso em 25 jun. 2016.

D'ÁRAÚJO Maria Celina. *AI-5. O mais duro golpe do regime militar*. CPDOC – FGV: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Disponível em <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/AI5>>. Acesso em 21 jun. 2016.

Decreto nº 50.620, de 18 de Maio de 1961. Publicação: Diário Oficial da União - Seção 1- 18/5/1961, Página 4549 (Publicação Original). Coleção de Leis do Brasil - 1961, Página 216 Vol. 4 (Publicação Original).

Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1960-1969/decreto-50620-18-maio-1961-390463-publicacaooriginal-1-pe.html>>

Dicionário Online de Português. *Significado da palavra Senhora*. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/senhora/>>. Acesso em 18 nov. 2016.

FELTEN, Rui. *Jânio Quadros, carismático e contraditório, abandona o poder*. Jornal Sul 21 Online. Matéria publicada em 19 abr. 2011. Disponível em <<http://www.sul21.com.br/jornal/janio-quadros-carismatico-e-contraditorio-abandona-o-poder/>>. Acesso em 20 jun. 2016.

FONSECA, Marcelo da. *A marcha rumo ao golpe. Como foi a operação militar que partiu de Minas para implantar a ditadura no país*. Jornal Estado de Minas Online. Matéria publicada em 30 mar. 2014. Disponível em <[http://www.em.com.br/app/noticia/politica/2014/03/30/interna\\_politica,513303/a-marcha-rumo-ao-golpe.shtml](http://www.em.com.br/app/noticia/politica/2014/03/30/interna_politica,513303/a-marcha-rumo-ao-golpe.shtml)>. Acesso em 20 jun. 2016

JORNAL DO SENADO. *Lei Falcão, a resposta dos militares à vitória da oposição*. Publicado em 10 jul. 2006.

Disponível em <<http://www12.senado.leg.br/jornal/edicoes/2006/07/10/lei-falcao-a-resposta-dos-militares-a-vitoria-da-oposicao>>. Acesso em 21 jun. 2016.

JORNAL O POVO ONLINE. *Rachel de Queiroz é eleita Rainha dos Estudantes*.



Disponível em

<<http://www.opovo.com.br/app/acervo/noticiashistoricas/2016/07/12/noticiasnoticiashistoricas,3634394/rachel-de-queiroz-e-eleita-rainha-dos-estudantes.shtml>>. Acesso em 11 jun. 2016.

KIEFER, Sandra. Nossa história: estudantes do Brasil decidiram em 1977 enfrentar repressão militar. Jornal Estado de Minas Online. Matéria publicada em 22 jun. 2013.

Disponível em

<[http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/06/22/interna\\_gerais,410680/nossa-historia-estudantes-do-brasil-decidiram-em-1977-enfrentar-repressao-militar.shtml](http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2013/06/22/interna_gerais,410680/nossa-historia-estudantes-do-brasil-decidiram-em-1977-enfrentar-repressao-militar.shtml)>.

Acesso em 23 jun. 2016.

MATOS, Raimundo Gomes de. Fala de Rachel de Queiroz lida pelo Deputado Raimundo Gomes de Matos em ocasião ao centenário de Rachel de Queiroz.

Disponível em <[www.camara.gov.br/sileg/MostrarIntegra.asp?CodTeor=820243](http://www.camara.gov.br/sileg/MostrarIntegra.asp?CodTeor=820243)>.

Acesso em 16 jun. 2016.

MELITO, Leandro. *Marcha da Família com Deus pela Liberdade pedia queda de Jango há 50 anos.* Portal EBC. Disponível em:

<<http://www.ebc.com.br/cidadania/2014/03/marcha-da-familia-com-deus-pela-liberdade-em-19-de-marco-de-1964-0>>. Acesso em 20 jun. 2016.

MEMORIAL DA DEMOCRACIA. *Geisel usa AI-5 para cassar vereadores.*

Disponível em <<http://www.memorialdademocracia.com.br/card/geisel-usa-ai-5-para-cassar-vereadores>>. Acesso em 21 jun. 2016.

MEMÓRIAS DA DITADURA. *Biografias da resistência.*

<<http://memoriasdaditadura.org.br/biografias-da-resistencia/>>. Acesso em 21 jun. 2016.

\_\_\_\_\_. *Estudantes. Participação central dos estudantes no cenário político.* Disponível em <<http://memoriasdaditadura.org.br/estudantes/>>. Acesso em 23 jun. 2016.

\_\_\_\_\_. *LGBT. Repressão à comunidade LGBT na ditadura.* Disponível em <<http://memoriasdeditadura.org.br/lgbt>>. Acesso em 25 jun. 2016.

\_\_\_\_\_. *Movimento Feminista.* Disponível em <<http://memoriasdeditadura.org.br/mulheres/>>. Acesso em 30 jun. 2016.

MEMÓRIAS REVELADAS. *Luta pela democratização.* Disponível em <<http://www.memoriasreveladas.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=18>>. Acesso em 21 jun. 2016

MOTTA, Marly. *JK e as eleições presidenciais de 1960. As eleições de 1958 e o crescimento do PTB.* Disponível em <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Politica/Eleicoes1960>>. Acesso em 20 jun. 2016.

\_\_\_\_\_. *Pacote de Abril.* Disponível em <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/FatosImagens/PacoteAbril>>. Acesso em 20 jun. 2016.

PETRIN, Natália. *Biografia de Rachel de Queiroz.* Disponível em <<http://www.estudopratico.com.br/rachel-de-queiroz-biografia-e-obras-da-autora>>. Acesso em 12 jun. 2016.

PINTO, Tales dos Santos. *Os senadores biônicos e o Pacote de Abril.* Disponível em <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiadobrasil/os-senadores-bionicos-pacote-abril.htm>>. Acesso de 21 jun. 2016.

SILVEIRA. Clara Maria Holanda Silveira, COSTA Renata Gomes da. *Patriarcado e capitalismo: binômio dominação-exploração nas relações de gênero*, p. 1. Disponível em <[https://strabalhoegenero.cienciassociais.ufg.br/up/245/o/PATRIARCADO\\_E\\_CAPITALISMO\\_BIN%3%94MIO\\_DOMINA%3%87%3%83O-EXPLORA%3%87%3%83O.pdf](https://strabalhoegenero.cienciassociais.ufg.br/up/245/o/PATRIARCADO_E_CAPITALISMO_BIN%3%94MIO_DOMINA%3%87%3%83O-EXPLORA%3%87%3%83O.pdf)>. Acesso em 20 out. 2016.

UNE. *História da UNE*. Disponível em <<http://www.une.org.br/2011/09/historia-da-une/>>. Acesso em 23 jun. 2016.